

**A ORGANIZAÇÃO DA KHORA NA SICÍLIA GREGA SUL-ORIENTAL: SIRACUSA DIANTE
DE SUA HINTERLÂNDIA (733 -598 A.C.)**
THE ORGANIZATION OF THE KHORA IN SOUTHEASTERN GREEK SICILY: SYRACUSE AND
ITS HINTERLAND (733 -598 BC)

Maria Beatriz Borba Florenzano

Vol. XV | n°29 | 2018 | ISSN 2316 8412



A organização da *khora* na Sicília grega sul-oriental: Siracusa diante de sua hinterlândia (733 -598 a.C.)

Maria Beatriz Borba Florenzano¹

Resumo: Fundada por coríntios na Sicília, no séc. VIII a.C., Siracusa transformou-se em uma das maiores e mais poderosas pólis do mundo grego. Ao longo do primeiro século de instalação na Sicília, os siracusanos fundaram outros assentamentos na hinterlândia: Heloros, Acrai, Casmene e Kamarina. Este texto procura demonstrar, por meio da descrição da documentação material, que: 1. Estas fundações foram realizadas em negociação com as populações locais e que portanto a expansão de Siracusa não foi puramente militar e/ou violenta; 2. Por meio destas fundações Siracusa definiu os limites iniciais da expansão territorial que pretendia; 3. Que o espaço vazio entre Siracusa e esses limites foi sendo preenchido aos poucos e em graus diferentes de densidade; 4. Que este movimento de Siracusa permite que entendamos melhor um traço imprescindível do ‘modo de ser grego’, i.e, o domínio de territórios.

Palavras-chave: Expansão Siracusana ; Contato Cultural na Sicília; Territorialização Grega.

Abstract: Founded by Corinthians in Sicily in the 8th century, Syracuse soon became one of the biggest and more powerful poleis of the Greek world. During the first century of life in Sicily, the Syracusans founded in the hinterland four other settlements: Heloros, Akrai, Kasmene and Kamarina. This article intends to demonstrate, through the description of material data, that: 1. These foundations were enabled thanks to negotiation with local people and that Syracusan expansion was not exclusively a military/violent one; 2. Through these foundations, Syracuse established boundaries for its initial territorial expansion; 3. The empty space between Syracuse and these boundaries were filled up by degrees and in different conditions; 4. That this movement made by Syracuse allows us to better understand an inherent characteristic of the Greek ‘way of being’, i.e., territorial control

Keywords: Syracusan territory; Cultural Contact in Sicily; Greek territorialization

Toda a história da civilização grega é a história de uma civilização mista (Edouard Will, 1956, p.99)

No contexto do projeto que atualmente anima o Labeca, Laboratório de estudos sobre a cidade antiga, *A organização da khora*²: a cidade grega diante da sua hinterlândia, nos deparamos com o caso da *apoikia* coríntia de Siracusa, fundada nos anos 730 a. C. no litoral sul-oriental da Sicília. Siracusa, com efeito, a partir do século VI/V tornou-se a segunda cidade mais rica, poderosa, e mais populosa do mundo grego, depois de Atenas. Constatamos que, aqui, a definição clássica de pólis, que vem informando nossos estudos, ganha contornos específicos, trazendo à luz a riqueza da criatividade grega em adaptar-se a ambientes novos, sem perder sua identidade helênica original. Com este estudo de caso, esperamos demonstrar que a *khora*

¹ Professora Titular de Arqueologia Clássica. Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga sediado no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (Labeca – MAE/USP), Brasil. Agradeço os apoios recebidos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de S. Paulo (Fapesp), Brasil; e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil; que permitiram a visita sistemática aos sítios pesquisados neste artigo, aos museus locais e às bibliotecas especializadas. www.labeca.mae.usp.br; florenza@usp.br

² Para o significado de termos gregos utilizados neste texto pode também ser consultado o glossário do LABECA em www.labeca.mae.usp.br.

grega podia ser muito mais do que a hinterlândia 'rural' controlada diretamente por uma pólis para a sua sobrevivência econômica, como se entende a partir da definição de pólis avançada pelo arqueólogo inglês A. Snodgrass (1986, p.47): "o termo pólis denota, em senso estrito, uma unidade política que consiste de um assentamento e seu território, unidos politicamente um com outro e independente de outras unidade políticas"; ou, ainda, na definição de *khora* construída pelo estudioso ítalo-israelense David Asheri (1980, p.119): "um todo contínuo das propriedades fundiárias dos cidadãos".

Na verdade, procuraremos demonstrar como a *khora* de Siracusa em nada era estável ou contínua e nem mesmo "unida politicamente" (em sentido jurídico ao menos) ao assentamento principal. Siracusa, com efeito, criou estratégias originais de controle territorial e de definição de fronteiras que a tornaram uma pólis especial na antiguidade – na verdade e ao menos em época clássica, a segunda em tamanho e em atividade, depois de Atenas, como já dito acima.

A fim de alcançar este objetivo, é preciso inicialmente compreender a configuração da paisagem dessa região escolhida pelos coríntios para a fundação da nova *apoikia* e situar nesse espaço as populações que o ocupavam no momento da instalação da cidade e posteriormente em um compartilhamento forçado, por vezes pacífico, por vezes violento (MAPA 1).

É deste contato entre populações diferentes, não gregos e gregos, que surge um tipo específico de organização da *khora* e soluções criativas de aproveitamento do território. Circunscreveremos nossa reflexão sobretudo à época da instalação dos gregos na Sicília sul-oriental, em meados do século VIII, até o período de consolidação do domínio grego na região, quando os efeitos da expansão colonial grega³ podem ser sentidos em toda a sua intensidade na hinterlândia, o que a documentação material nos permite estimar em torno do início/meados do século VI a.C. (LEIGHTON 1999, p.219).

I. A SICÍLIA SUL-ORIENTAL E A PAISAGEM

A Sicília **sul-oriental** é dominada pela estrutura geomorfológica dos Montes Hibleus, nome emprestado a Hyblon, que teria sido um rei sículo, na época da fundação das *apoikiai* helênicas na segunda metade do século VIII. Estas montanhas podem ser definidas como um "vasto planalto sub circular que culmina no Monte Lauro com 987m de altitude" (*Regione Siciliana*, p.1). Este planalto é todo montanhoso, com vários picos importantes de alturas diferentes, a partir dos 600m, sendo todo o conjunto muito irrigado por várias bacias hidrográficas. A estrutura desse maciço é de calcário branco e o curso dos rios escava

³ Sobre o debate a respeito do uso dos termos "colonização" e "colônia" para esta movimentação grega no Mediterrâneo a partir do século VIII a.C., a bibliografia é extensíssima. Ver, neste dossiê, A. Pollini e A. Esposito, "Diáspora, colônia, colonização: desafios e questões de um léxico", *Cadernos do LEPAARQ*, XV, 29, 2018. Em português, pode-se consultar também E.F.V. Hirata. *Arqueologia, Religião e Poder político no ocidente grego*. Tese de Livre-docência, MAE-USP, 2010 (sobretudo p.31-64).

desfiladeiros profundos, criando lagos naturais. À medida em que diminui a distância para o litoral, o relevo perde altitude, apresentando colinas terraceadas e também vales que se ampliam na largura, criando ambientes propícios para a prática da agricultura e do pastoreio de animais. O litoral é em grande parte constituído por dunas arenosas (MILITELLO 2008, p.34). Deve-se notar que nas alturas, o calcário é árido e visível, mas nos vales, mesmo os mais profundos, a vegetação é luxuriante.

Nas proximidades do litoral, o solo é denominado “tufo”, uma vez que a erosão da água e a corrosão química do calcário provoca grande porosidade, criando pequenas piscinas e lagos (*Regione Siciliana*, p.2).

Os Montes Hibleus limitam ao norte com a vasta planície de Catânia; a oeste com a planície de Gela; a leste e a sul com o mar, na direção da costa siracusana e daquela ragusana (*Regione Siciliana*, p.1-2). Aqui a altitude diminui consideravelmente criando posições interessantes para o assentamento de núcleos urbanos como é o caso das *apoikiai* de Siracusa, de Camarina e mesmo de Heloros, como veremos mais adiante.

As alturas dos Montes Hibleus estavam dominadas pelo Monte Lauro, em cujas encostas se localizam várias nascentes de rios que irrigam a região. Outros montes igualmente elevados também dominam o planalto, como o Monte Arcibessi com 906m de altura e o Monte Casale com 910m de altitude e onde foi instalado o assentamento grego (ou misto) de Casmena, como veremos adiante.

Os rios que percorrem toda essa área assumiram um papel fundamental como via de comunicação e também como espaço privilegiado para os assentamentos interioranos em vista da vegetação abundante e da fertilidade da terra em muitos trechos. É, portanto, indispensável tratar deles como elementos fundamentais da configuração da paisagem que procuramos descrever e que os gregos queriam dominar. Os principais rios têm até hoje origem nas montanhas e descem para o litoral (MILITELLO 2008, p. 34). Os que merecem menção são o Ánapo, o Irminio, o Dirillo, o Tellaro, o Hippari e o Cassibili. Outros são ribeirões mais modestos, afluentes ou não destes rios maiores, mas que igualmente irrigam toda a região.

O Rio Ánapo é o mais extenso deles, nasce nas encostas do Monte Lauro ao norte dos Montes Hibleus e percorre por 59km o sul da planície de Catânia, irrigando esta planície e aquela siracusana e indo desembocar no “Porto Grande” de Siracusa, ao lado do Rio Ciane, este rio pequeno e curto, alimentado por uma fonte do próprio Ánapo. O percurso do Ánapo é em boa parte por desfiladeiros profundos e por isso mesmo se chama Ánapo: invisível em grego.

O Rio Dirillo é o outro grande rio que delimita os montes Hibleus do lado oeste. Nasce ao sul de Catânia, na localidade de Vizzini, nas encostas do Monte Lauro e percorre 54km em direção oeste para desembocar na localidade de Piano Rizzo no assim chamado mar de Gela, na costa sul da Sicília.

O Rio Tellaro também é bastante longo, 45km. Nasce no Monte Erbeso em localidade conhecida hoje pelo nome de Giarratana, passa pela antiga cidade de Acrai e desemboca a 30km ao sul de Siracusa em

Heloros, cidade a respeito da qual, como Acrai, falaremos mais adiante. Aliás é mister registrar que este rio aparece nas fontes textuais antigas seja com o nome de Heloros seja com o nome de Asinaros.

O Rio Irminio, cujo nome deriva de Hermes (*Regione Siciliana*, p. 3), também é longo, com 55km, e é considerado pela historiografia como o limite oeste da “Sicília sul-oriental”. Próximo à sua desembocadura foi instalada por obra de Siracusa, como veremos adiante, a cidade de Camarina, na costa sul da Sicília. Esta cidade, com efeito, foi instalada entre o Rio Irminio e o Rio Hippari, este último, um curso fluvial mais modesto, com trajeto de 28km a partir de Monte Serra di Burgio. Em sua desembocadura, Camarina construiu o porto, escavado na rocha.

Por fim, o Rio Cassibili, Kakuparis em grego, curso fluvial de 30km, que nasce igualmente nas imediações de Acrai nas encostas meridionais do Monte Lauro e que desemboca no Mar Jônio a 23km ao sul de Siracusa. De todo modo, apesar dos muitos desfiladeiros que criou em seu percurso montanhoso, no estuário está já em uma área mais plana e baixa. Note-se que este praticamente não é um estuário, pois este rio a partir daqui se enterra e desemboca em alto mar (*Regione Siciliana*, p.2).

Sobre a costa da Sicília oriental, deve-se registrar a existência de pequenos promontórios, de baías e de golfos protegidos adequados à instalação de portos, locais preferidos das primeiras fundações gregas, como as *apoikiai* de Naxos, Catânia, Mégara Hibleia e Siracusa. Outras *apoikiai* valeram-se das fozes dos rios que desciam dos Montes Hibleus para instalarem portos fluviais, inclusive escavados na rocha como os de Heloros e de Camarina, assentamentos sobre os quais falaremos mais abaixo.

As planícies férteis, irrigadas por todos estes rios que descem dos Montes Hibleus, na Sicília sul-oriental, podem não ser extensas como a grande planície de Catânia, mas são várias e muito férteis: aquela a oeste de Siracusa que vai até praticamente Acrai e se estende ao sul, passando por Cassibile; a que se estende a oeste e a sul de Heloros, acompanhando o vale do Rio Tellaro e chegando até o Cabo Passero; e a planície de Camarina, entre os rios Irminio e Hippari, que se emenda ao norte àquela do vale do Rio Dirillo que confina com Gela. Cabe mencionar também a planície ragusana, entre o Irminio e a ponta da Sicília sul-oriental (MAPA 2).

II. OS SÍCULOS NA SICÍLIA SUL-ORIENTAL ANTES DA FUNDAÇÃO DE SIRACUSA

Toda esta região, cuja paisagem é estruturada a partir dos Montes Hibleus, encontrava-se dominada pela população sícula no período que antecede a fundação de *apoikiai* gregas. É Tucídides que relata que a ilha da Sicília havia sido povoada antes da chegada dos gregos por mais dois grupos além dos sículos: os sicânios e os elímios. De acordo com Tucídides, os sicânios se diziam autóctones ainda que em tempos antigos tivessem vindo da Ibéria; já os elímios eram os refugiados, derrotados da guerra de Tróia, que haviam se instalado na parte mais ocidental da ilha. Os sículos (*síkelos* em grego), que se instalaram na

costa oriental da Sicília, tinham migrado mais recentemente, vindos da Península Itálica, empurrados por grupos que, por sua vez, vinham do norte da Península (latinos, ópices, úmbrios e sabinos?). A ilha que hoje leva o nome de Sicília teria, assim, na Antiguidade, recebido vários nomes segundo o povo que a habitou: antes de tudo Trinakria (três pontas), Sicania (dos sicânios) e Sikelia (dos sículos) (Thuc. VI 2).

Estudos linguísticos e arqueológicos têm atribuído veracidade ao relato de Tucídides com relação à migração dos sículos a partir da Itália central, mesmo que o período em que isso tenha ocorrido seja ainda objeto de discussão. Final da Idade do Bronze? Início da Idade do Ferro? Em algum ponto dos anos 1000? Final da Idade do Ferro?

Registre-se que desde época pré-histórica traços culturais compartilhados entre o sul da Península Itálica e a costa norte da Sicília são constatados. E neste sentido, em toda a bacia do mar Tirreno, o papel das ilhas Eólias (a NE da Sicília) nesse trânsito de traços, fica evidenciado pelas pesquisas arqueológicas (LEIGHTON 1999, p.3-4).

De modo geral, aceita-se que os sículos ocupassem a parte oriental da ilha, os sicânios o centro-sul e os elímios o noroeste. Entretanto, é difícil de estabelecer as fronteiras entre estes povos, uma vez que o compartilhamento de traços entre eles em toda a Idade do Ferro até a chegada dos gregos no século VIII foi sempre muito intenso. De toda forma, podemos afirmar que quando os gregos chegaram à costa oriental da Sicília, de norte a sul, foram justamente estes grupos de sículos que encontraram.

A fase de desenvolvimento em que se encontravam é denominada pelos pesquisadores de Pantálica-sul (850-730). A cultura arqueologicamente definida como Pantálica é registrada desde o século XIII e é difundida em toda a Sicília sul-oriental, ainda que seu centro, pensa-se, seja no vale do Rio Ánapo. A sua fase “sul” parece corresponder a uma renovação sua que alguns autores pensam ser devida à chegada dos sículos (VOZA, 1980, p.37-38) ou mesmo à chegada dos gregos, hipóteses que ainda demandam maior comprovação. Esta renovação responde por uma maior coesão social representada por maior padronização de traços (MILITELLO 2008, p.45). Em muitos desses assentamentos é possível ainda hoje entender como o local escolhido para a sua instalação atendeu a critérios nítidos de domínio da paisagem, tanto visual quanto auditivo: enxerga-se o que acontece, mas também se ouve.

A cultura Pantálica caracteriza-se de modo geral por um padrão de assentamento descrito como de “aproveitamento precípua de vales associado ao controle / domínio a partir de instalações em picos de alturas elevadas” (MILITELLO 2008, p.45). O aproveitamento de grutas na rocha como habitação e como necrópole é amplamente atestado em toda a região. Nesta fase, os assentamentos mais característicos encontram-se afastados do litoral e os sítios litorâneos típicos da Idade do Bronze parecem ter perdido sua preeminência como centros fortes política e economicamente: alguns se encontram despovoados, quando não abandonados. A bibliografia insiste sobre o fato de ser a sociedade sícula desse período uma sociedade fracamente estratificada, não urbanizada e muito fluida e móvel. O padrão de assentamento indica

justamente um mundo mais descentralizado. De uma sociedade da Idade do Bronze (séculos XIII-XI) mais sofisticada, com distribuição desigual de riqueza, artesanato especializado, ideologia elitista/aristocrática, talvez estimulada pela conectividade com o oriente e característica nesta época no Mediterrâneo, registra-se, no século X e IX, um “realinhamento político, social e econômico mais endógeno ou mais voltado para o ocidente”. As mudanças profundas que ocorreram no Mediterrâneo oriental em torno dos anos 1200 podem ser, com efeito, a razão maior deste realinhamento (LEIGHTON 2000, p.18). Assim os agrupamentos sociais característicos das fases finais da cultura Pantalica, no início da Idade do Ferro, podem ser descritos como “entidades *tribais*, caracterizadas por enterramentos mais uniformizados ou com menor ostentação e com menos mobiliário fúnebre” ... registra-se também um “afastamento de uma ideologia elitista do período precedente e uma aproximação a um *ethos* mais coletivista e igualitário perceptível na difusão de produtos utilitários em detrimento dos produtos de luxo” (LEIGHTON 2000, p.18). Os enterramentos escavados e a tralha mortuária recuperada atestam, no entanto, a permanência da divisão do trabalho (produção qualificada de objetos de metal e de cerâmica no torno) e a maior valorização do trabalho metalúrgico em detrimento do trabalho em cerâmica. Nos Montes Hibleus, onde posteriormente será a hinterlândia de Siracusa, há, voltados para o sul da Sicília, inúmeros pequenos assentamentos sículos, dos séculos IX e VIII, instalados nas alturas e dominando as planícies férteis de Íspica e Comiso: Ragusa, Castiglione, Cava dei Servi, Canicarao, Cava d’Íspica, Giarratana (onde nasce o Rio Tellaro), Chiaromonte (nas vizinhanças de Ragusa e onde estão Akrillai e Scornavacche, a respeito das quais falaremos mais adiante), Modica, todos eles com epicentro na localidade de Hibla (Di STEFANO 1987, p.132). Os achados nestes assentamentos mostram a sua inserção entre os séculos X e VIII no ambiente mediterrâneo ocidental, com ligações com a Sardenha e com a Península Ibérica. Aqui sim, a riqueza dos enterramentos aponta para hierarquização social e especialização do trabalho, no caso, por meio de mobiliário com peças sofisticadas de metal.

Deve-se reforçar, no contexto que nos interessa da chegada dos gregos à Sicília, que não há *gap* tecnológico entre estas populações sículas e os gregos; há sim diferenças sociais, diferenças de visão de mundo, de postura diante da terra e da territorialização da sociedade (LEIGHTON 2000, p.19; 1999, p.221. MILITELLO 2008, p.45. ALBANESE PROCELLI 1996, p.167).

São, portanto, estes séculos aqueles que os gregos encontraram em suas investidas na Sicília sul-oriental a partir do início do século VIII. Com efeito, é comprovado arqueologicamente que toda a costa oriental da Sicília, incluindo-se a sul-oriental – nossa área de interesse – vinha sendo visitada por gregos da Eubeia e das Cíclades desde pelo menos o início do século VIII⁴. Estes usavam preferencialmente a rota do

⁴ A constatação desta presença grega, de eubeus, cicládios e coríntios, em época anterior à fundação “oficial” das *apoikiai* registrada pelas fontes textuais, é baseada na cronologia dos vasilhames de cerâmica encontrados sobretudo em cemitérios indígenas interioranos e de material arqueológico diversificado. Há muita discussão sobre essas

Rio Ánapo e depois a do Rio Dirillo, por onde se recupera traços materiais destas passagens, sobretudo a presença de objetos de cerâmica grega. Na verdade, antes de “fundações oficiais” gregas, parece ter havido um assentamento de calcídios em Thapsos, a 20km ao norte de Siracusa. Mas o material mais antigo grego encontrado na Sicília sul-oriental data da primeira metade do século VIII e provém da atual localidade de Villasmundo, ao norte do R. Ánapo. Em Castelluccio, no vale do R. Tellaro, a 30km ao sul de Siracusa, a presença coríntia é atestada também nessa primeira metade do século VIII. A presença grega também é registrada e de forma ampliada em vários assentamentos sículos depois do início da fundação de *apoikiai*, na segunda metade do século VIII, como em sítios interioranos nas atuais Módica, Ossini, Cocolonazzo di Mola e Lentini, indicando a sobrevivência de assentamentos sículos e a boa relação entre estes e os recém chegados helenos (CORDANO 1980, p.31). Sobre isto ainda voltaremos mais adiante neste texto.

Acredita-se que alguns desses sítios sículos (ou hibleus como alguns autores os chamam em referência aos Montes Hibleus) tenham servido como entrepostos comerciais, difusores de material grego para o interior da Ilha (GUZZO 2011, p.190). Alguns achados arqueológicos, na verdade esporádicos e espalhados por essa região da Sicília sul-oriental (Avola, Solarino, Noto e também Gela no litoral sul da Sicília), indicam igualmente a presença de material coríntio (GUZZO 2011, p.190-191). Efetivamente, é possível desenhar, a partir do material arqueológico, um roteiro de viagens de reconhecimento empreendidas pelos coríntios antes da fundação de Siracusa: não apenas os vestígios coríntios registram-se na costa oriental da Sicília como igualmente eles parecem ter explorado o litoral sul da ilha, dobrando o Cabo Passero e navegando até a foz do Rio Dirillo, onde mais tarde seria fundada Gela, por ródios e cretenses (GUZZO p.192-193)⁵.

Também é de se pensar no porque as primeiras *apoikiai* gregas na Sicília se localizaram sempre na costa oriental da ilha, ainda que a costa sul já tivesse sido explorada. Uma resposta simples é o fato de que é

cronologias, se se trata de depósitos realmente do início do século VIII ou se a sua datação pode deslizar para o final do mesmo século indicando que são depósitos posteriores às fundações dos assentamentos gregos. A tendência geral, no entanto, é aceitar que, antes de se instalarem em formas mais definitivas de assentamentos, os gregos tiveram sim uma fase de reconhecimento com os sículos, por vezes até de convívio, para depois resolverem por uma instalação mais permanente (ALBANESE PROCELLI 1996, p.169. CORDANO 1986, p.29-30. GUZZO 2011, p.17-18. Para os termos da discussão, ver LEIGHTON 2000, p.15-17). É uma tendência registrada no material arqueológico na Sicília em geral e também na Itália do Sul (veja-se o caso de Metaponto, de forma resumida, em FLORENZANO 2012, e, para a Magna Grécia, em geral, ver TORELLI 2014, p.349 ss).

⁵ Entre as razões para a empreitada coríntia em se aventurar em uma expansão ao Ocidente do Mediterrâneo, acompanhando eubeus e fenícios, devem ser consideradas as vicissitudes da ascensão ao poder da tirania dos Baquíadas e o jogo de poder no Mediterrâneo oriental neste período (GUZZO 2011, p.196-199). Não lidaremos aqui em profundidade com esta questão por não ser ela determinante na temática que ora tratamos, ainda que ela possa iluminar nossas conclusões sobre a organização da hinterlândia siracusana. Não adentraremos igualmente a questão muito debatida atualmente sobre os motivos que levaram à expansão de gregos pelo Mediterrâneo a partir do Egeu. Os termos deste debate podem ser acompanhados em: D'ERCOLE 2012, p.13-21, e BOUFFIER *et alii*. 2012, p.5-20, com bibliografia precedente.

o primeiro ponto que se toca da ilha vindo da Grécia. Mas também é muito provável que a ocupação da ilha por esta população indígena⁶, muito espalhada pelo interior, tenha sido um fator de difícil controle imediato. Por outro lado, também se deve considerar que o fator “fenícios” tenha tido alguma influência nesta primeira escolha, já que estes circulavam por todo o Mediterrâneo desde antes do século VIII (GUZZO 2011, p.191-192).

III. A FUNDAÇÃO DE SIRACUSA

É Tucídides quem nos informa com grande precisão sobre a chegada dos gregos à Sicília e o início das instalações “oficiais” de *apoikiai* a partir da segunda metade do século VIII. Seu relato foi sempre entendido pela historiografia como o registro de um processo estruturado de saída da Grécia Balcânica de expedições guiadas por instruções do oráculo de Delfos em busca de novas paragens para um contingente considerável de gregos. No caso da fundação de Siracusa, Tucídides (VI 3) conta: “Siracusa foi fundada por Árquias, um dos heráclidas de Corinto, depois de haver expulso os sículos da então ilha, que hoje não é mais cercada de água, na qual atualmente existe a cidade interna; em época posterior a cidade externa foi ligada a ela por suas muralhas e se tornou também muito populosa”. A menção da expulsão dos sículos fez com que o caráter militar, violento, desses dórios fundadores de Siracusa fosse sempre destacado como parte do caráter intrínseco – se assim podemos dizer – desta *apoikia*, servindo inclusive como chave de leitura para ações posteriores empreendidas por ela.

Por mais que a autoridade desta importante fonte constituída pelo texto legado por Tucídides deva ser sempre considerada, não se pode ignorar que o fato destas terras estarem já ocupadas por populações locais, mesmo que de forma dispersa, desencadeou processos particulares de contato. Ao mesmo tempo, a disputa por poder, seja econômico, seja político, pelos diferentes grupos de gregos e de indígenas, levou a formas inéditas de configuração dessas sociedades. E, se o desenrolar da ocupação promovida pelos gregos não raro tenha implicado em violência e expulsão de sículos de suas paragens originais, é mister levar em conta que este processo igualmente implicou em convívio e união na resolução de problemas comuns, e mesmo no caso da expansão de Siracusa na hinterlândia da Sicília sul-oriental.

Com efeito, as pesquisas arqueológicas têm trazido grande acuidade aos vários tipos de processos de contato que ocorreram entre os helenos e populações previamente instaladas nesta área da Sicília: seja o

⁶ É sempre necessário explicar que as populações não gregas de áreas que entraram em contato com os gregos no Mediterrâneo são chamadas há décadas, impropriamente, pela bibliografia especializada, de indígenas. Não entramos aqui em detalhes sobre os caminhos da adoção desta terminologia, mas, no diálogo com a produção científica especializada, não há como não empregá-la. Mesmo assim, tentamos usar a expressão “não gregos”, na medida do possível.

contato violento, destrutivo ou de expulsão, e de dominação de um grupo pelo outro, seja o contato cultural em que ambos os lados se adequaram a formas comuns de vida e compartilharam territórios.

Deve-se, igualmente, partir da premissa de que a colonização grega na Sicília não ocorreu sem um conhecimento prévio da região por parte dos gregos, como procuramos deixar claro acima, e que foi um processo longo e continuado.

Conforme a feliz colocação de Federica Cordano, há de se registrar que não existe na Sicília, no século VIII, uma sucessão cronológica do antes e depois da expansão colonial grega. Os achados arqueológicos mostram como, antes da “oficialização” das fundações, a presença grega é fortemente registrada nos assentamentos sículos, e mostram ainda como esses assentamentos, de uma forma ou de outra, continuam a existir em concomitância com as cidades gregas quando fundadas e em proximidade com as mesmas, muitas vezes escolhendo os gregos como parceiros preferenciais de todo tipo de troca (CORDANO 1986, p. 29-30; cf nota 4 acima).

A fim de avançarmos no conhecimento de como Siracusa lidou com a sua hinterlândia, é preciso, inicialmente, manter em mente que não havia entre gregos e sículos uma grande diferença cultural ou tecnológica: trata-se de sociedades mediterrâneas que possuem muitos traços em comum, como já mencionamos acima (ALBANESE PROCELLI 1996, p.167. MILITELLO 2008, p.45. LEIGHTON 1999, p.221). Os gregos, no entanto, apresentavam uma organização interna compacta e estruturada de tal forma que os conduzia à ocupação e aproveitamento do território. Essa talvez seja a característica principal e específica desses gregos que saíram do Egeu em busca de poder e de um poder que neste século VIII se baseava sobretudo na posse de territórios e de bases territoriais para o contato e a aquisição de bens não existentes no Mediterrâneo oriental. A documentação material hoje disponível nos permite afirmar que a pólis, como estrutura sócio-econômica e política, estava apenas em formação no Egeu e que não é possível, nesse momento, falar em “urbanização”. Corinto e Mégara, que fundaram respectivamente Siracusa e Mégara Hibleia, não passavam de assentamentos ralos com fontes de água e túmulos nas proximidades; ademais, a delimitação/estruturação de uma *khora* políade nesse período não é atestada em nenhum tipo de fonte (SALMON 1984, p.75-81. LEGON 2004, p.463). Ao contrário, a urbanização grega e a definição de territórios sob domínio de uma cidade parece ter recebido aporte significativo a partir das *apoikiai* fundadas no Ocidente (FLORENZANO 2009, p.93 e ss.). Frisamos ainda que a coesão helênica, certamente, se fortaleceu na situação de procura de terras para além do Egeu e de instalação em territórios já ocupados por populações outras. Por outro lado, como dissemos acima, os sículos apresentavam menor coesão, estavam mais dispersos nos territórios sob seu domínio e possuíam uma estratificação social menos sofisticada e uma sociedade mais fluida. Acredita-se igualmente que na Sicília, como um todo, devido a essa configuração dispersa no território desses grupos indígenas e de assentamentos sobretudo no alto de montanhas, havia

uma boa quantidade de terras a serem limpas de florestas e exploradas produtivamente, seja do ponto de vista agrícola e da criação de animais, seja do ponto de vista da silvicultura (D'ERCOLE 2012, p.61).

É neste quadro interpretativo geral que deve ser situada a fundação, a *ktisis*⁷, da *apoikia* de Siracusa pelos coríntios. Depois das viagens exploratórias que teriam levado esses coríntios até a foz do Rio Dirillo, no litoral sul da Sicília, eles decidiram instalar-se em Ortígia, pequeno promontório quase separado da ilha maior (hoje uma ilhota unida à Sicília por duas pontes), logo ao norte do estuário do Rio Ánapo na costa oriental da Sicília. Tanto o promontório, quanto a terra firme exatamente em frente a ele, estavam ocupados pelos sículos havia séculos. As escavações arqueológicas assim registram (CORDANO 1986, p.34). Em Ortígia, há registro também de alguma, ainda que leve, frequência grega, especificamente euboico-cicládica, já na primeira metade do século VIII (CORDANO 2006, p.466).

O relato clássico sobre a fundação de Siracusa é o de Tucídides, citado acima. Como vimos, segundo este autor, a cidade teria sido fundada por Árquias, um dos heráclidas de Corinto, um ano depois da fundação de Naxos (mais ao norte no litoral oriental da Sicília) pelos calcídios e naxios das Cíclades no Egeu. Os estudiosos concordam que essa data seria em torno de 733 (CORDANO 1986, p.28). Ainda que o relato restituído pelas fontes escritas a respeito da fundação de Siracusa tenha elementos anedóticos (saída de Corinto em razão de ter assassinado seu amante), é muito provável que a fundação desta *apoikia* tenha sido decidida em meio a disputas políticas em Corinto entre Baquíades e aqueles que eram filo-argivos, entre os quais o próprio Árquias (MANNI 1974, p.87, *apud* GUZZO 2011, p.194-196). De toda forma, é o relato tucidideano, revestido de sua usual autoridade, aquele que desde sempre guiou, serviu de ponto de partida para as pesquisas arqueológicas em Siracusa. Mas a análise do material arqueológico proveniente de escavações, desde os trabalhos de Paolo Orsi no início do século XX, apresenta inúmeros desafios que contestam por vezes e complementam por outras o texto de Tucídides. De acordo com Guzzo, que analisa todos os registros de escavações efetuadas em Ortígia com riqueza de detalhes, é difícil, hoje, confirmar pela arqueologia o suposto processo violento na fundação oficial desta *apoikia*, da forma como nos conta Tucídides (GUZZO 2011, p.201-203). Sabemos sim, que há um estrato mais profundo, nitidamente pré-grego, século, sem vestígios que permitam detectar a presença helena. Há, em profundidade inferior, estratos de destruição, mas estes são aparentemente contemporâneos de estratos de não destruição em que material sículo é registrado misturado a material grego. Digno de registro é a constatação da existência de cabanas tipicamente sículas, em contexto não perturbado, datadas de depois da data oficial da fundação da *apoikia*, em baixo do templo jônico (Artemision?) nas imediações da praça principal da Ortígia grega (CORDANO 1986, p.33). Estas cabanas sículas são datadas, em princípio, do mesmo momento da fundação de Siracusa, fundação registrada pela descoberta de altar e vestígios sacrificiais nesta mesma praça (VOZA, 1999). Da

⁷ Termo grego utilizado em geral pela bibliografia especializada para designar o ato de fundar um novo assentamento.

mesma forma, as pesquisas na necrópole grega arcaica do Fusco em Siracusa, em terra firme e não em Ortígia, indicam transformações no rito funerário grego por influência local, sobretudo no que diz respeito à deposição do mobiliário funerário. É como se indígenas tivessem sido incorporados à sociedade grega convivendo ao ponto de serem enterrados da mesma forma ou no mesmo cemitério que os gregos (LEIGHTON 1999, p.236).

Qualquer que seja a posição assumida (violência ou não na hora da fundação), em qualquer interpretação histórica sobre o desenvolvimento das cidades gregas na Sicília sempre se retorna ao registro de Tucídides. Assim, é tema recorrente na bibliografia em geral a discussão sobre o caráter militar e expansionista de Siracusa, caráter que se contrapõe a uma natureza “comercial” da expansão dos euboicos/calcídios (ALBANESE PROCELLI 1996, p.170). Não há como fugir desta interlocução com uma fonte textual tão respeitada como Tucídides; entretanto, a arqueologia tem demonstrado em muitas oportunidades de que formas, de um lado, também os siracusanos interagiram pacificamente ou em aliança com os sículos, e, de outro, como também os calcídios se envolveram em episódios violentos seja com sículos, seja com os próprios gregos.

Naquilo que nos concerne, *a instalação e organização de uma hinterlândia siracusana*, as principais perguntas colocadas são evidentes: como esses coríntios, que antes fizeram expedições exploratórias pelo litoral da Sicília e, em um momento posterior, escolheram um local definido e se instalaram permanentemente, como se apropriaram de terrenos onde pudessem cultivar a terra, de sorte a garantirem sua sobrevivência e o seu modo de vida que privilegiava a posse e domínio de territórios? E mais, com qual contingente humano ou, se quisermos, com qual mão de obra, cultivariam/ocupariam/usariam essas terras? Qual o contingente humano que veio da Grécia Balcânica de modo a assegurar essa ocupação?

Mais uma vez, podemos partir das pistas oferecidas por uma fonte escrita, o testemunho de Heródoto, autor antigo igualmente respeitado como fonte sobre a antiguidades grega.

Heródoto (VII 155, 2), explicando um episódio do século V, nos conta que “diante do fato de os siracusanos chamados *gamoroi* terem sido expulsos de Siracusa pelo povo e por seus próprios escravos, chamados *kyllirioi*, Gelon os trouxe de volta [...]”. Quem são os *gamoroi* e quem são esses *kyllirioi* e o que teriam a ver com a organização e/ou exploração da *khora* de Siracusa?

Os dois termos são mencionados em outras fontes escritas, levando a explicações mais precisas: os *gamoroi* seriam já no século VI aqueles que decidiam os assuntos comuns na cidade em vista de suas propriedades fundiárias: *gê* = terra; *moreo* = receber uma parte em sorteio. O vocabulário remete, no caso de Siracusa, a uma hierarquia em relação à posse da terra, construída ao longo do tempo, a partir de uma primeira repartição de terra quando da fundação da *apoikia*, e em um momento posterior, quando a desigualdade produzida pela posição assumida pelos que “chegaram primeiro” gerou uma situação

conflituosa⁸. Sobre os *kyllirioi*, é de forma geral aceito – e aqui o testemunho de Aristóteles tem muita força (fr. 586 Rose) – que estes compõem populações dependentes constituídas pelos sículos assim reduzidos quando da fundação da *apoikia*. Segundo Guzzo (2011, p.202), esta seria uma prática igualmente documentada para outras *apoikiai* do Ocidente grego, tais como Cuma, Zancle, Lócris e Síbaris. Há de se notar que mesmo que estes *kyllirioi* se configurem nas fontes escritas como um grupo étnico submetido a condições de servidão, não é possível afirmar que eles fossem um bloco compacto de população, ou melhor, que todos os sículos tivessem sido reduzidos à servidão e que não houvesse nuances nesse contato entre gregos e sículos, inclusive em relação à posse e ocupação de territórios. É o que procuraremos demonstrar em seguida com mais detalhamento. Como nos diz Guzzo, a documentação arqueológica e a sua análise em relação à distribuição no espaço, permite estabelecer ao menos duas esferas principais no relacionamento entre sículos e gregos: em primeiro lugar, os centros e as áreas mais distantes das *apoikiai* gregas onde os indígenas continuaram a viver a seu modo, mesmo que influenciados pela presença grega no litoral e pelo comércio mantido com estes; e, em segundo lugar, aqueles indígenas forçados a viver no interior das pólis gregas ou na hinterlândia mais imediata. Dentre estes últimos, Guzzo distingue ainda as mulheres indígenas casadas com gregos e, por outro lado, os homens e mulheres constrangidos a trabalhar seja na terra, seja em outras atividades (GUZZO 2011, p.202-203). Mas, este esquema talvez não fosse tão rígido: os enterramentos mostram que a partir do século VI mais e mais costumes gregos são adotados, levando-nos a pensar em gregos morando entre indígenas, mesmo no interior; ou indígenas que adotaram costumes gregos. Cabe aqui lembrar o papel desempenhado pelas elites indígenas que valorizavam objetos gregos de modo a marcar seu poder. Enterramentos indígenas muito ricos comportam, no período que estudamos, vasilhames gregos pintados. Nota-se igualmente, e este é um dado já até banalizado pela bibliografia, a adoção por esta elite indígena de vasilhame grego específico de banquete: taças, crateras, enócoas. Vasilhames também estão presentes em enterramentos ricos em metais e ricos no tipo de sepultura, dados que têm levado os estudiosos a supor a incorporação da própria prática do banquete por estes indígenas (LEIGHTON 1999, p.244-245)⁹.

A questão dos casamentos mistos é um dado interessante que vem sendo colocado desde a década de 1970 com relação à instalação de gregos seja nas *apoikiai* ocidentais, seja nas *apoikiai* orientais, como no Mar Negro (VAN COMPERNOLLE 1981, p.1037 ss.). Pensa-se que nas expedições, em geral, mulheres não teriam acompanhado os homens e que estes, uma vez instalados, tomavam habitantes locais como esposas.

⁸ Veja-se D’Ercole (2012, p.59-61) para uma discussão atualizada desta questão, bem como para a relação de outras fontes escritas sobre o assunto, além de Heródoto.

⁹ A introdução entre a elite indígena do consumo do vinho e da prática do banquete, como atestado pelo documento material, é muito tratada pela bibliografia sobre o Ocidente grego, incluindo não apenas a Sicília, como também a Magna Grécia, o sul da França e a Espanha. Aliás, o papel das elites na aproximação com os “conquistadores” não é desconhecido em outros contextos históricos.

A hipótese, lançada na esteira de memórias preservadas em um ou outro fragmento textual remanescente (por exemplo, o episódio muito famoso do rapto das Sabinas, que rendeu até filme em Hollywood), tem conseguido alguma comprovação nas muitas escavações de túmulos em cemitérios do século VIII e início do VII na Sicília, conforme já mencionamos em relação ao cemitério do Fusco em Siracusa. Com efeito, são inúmeros os enterramentos de mulheres ricamente adornadas, com adereços tipicamente indígenas, em cemitérios caracterizados como gregos. Mesmo que mulheres gregas tenham vindo da Grécia em viagens subsequentes, pensa-se que estas sempre seriam em menor número que os homens. E um documento, encontrado em escavação de Siracusa em níveis da primeira geração de gregos, chama a atenção neste sentido: um nome de mulher sículo aparece grafitado com caracteres coríntios em uma píxide (vaso grego de uso feminino)¹⁰.

Em qualquer dos casos, não deve sair de nosso horizonte o fato de que a identidade sícula permanece forte e evidente mesmo em pleno século V, quando o domínio grego na Sicília já estava consolidado: basta recordar a liderança de Ducétio entre os sículos e sua capacidade em estabelecer alianças com alguns gregos contra outros gregos, ou ainda os episódios de aliança entre gregos de Camarina e sículos para combater a metrópole desta pólis, Siracusa (CARDETE del OLMO 2007. Di STEFANO 1987, p.197).

Pensando em compreender as estratégias criadas por Siracusa para compor uma *khora* que lhe desse uma autonomia política e econômica diante de sículos e de outros grupos de gregos recém instalados na ilha, analisaremos individualmente os assentamentos que os siracusanos promoveram a fim de controlar uma área territorial extensa na Sicília sul-oriental. Veremos como a estratégia de Siracusa foi a de estabelecer postos avançados para “cercar” uma área que aos poucos pensava dominar: Heloros, Acrai, Casmena e por último Camarina – em um espaço de 130 anos. Valendo-se dos componentes da paisagem, Siracusa criou, a partir destes pontos, vias de defesa e de comunicação de sorte a estruturar uma rede de domínio “vazada” ou “dispersa” no território, mas que aos poucos foi sendo preenchida – com maior ou menor sucesso – por grupos de gregos ou de sículos helenizados (também de gregos “siculizados”...), cuja referência política era Siracusa; na mais perfeita acepção do termo “fronteira” como território à frente, sobre o qual se pretende jogar uma rede controladora.

Entendemos que a *khora* siracusana pode ter sido inicialmente, ao menos para a primeira geração vinda da Grécia, instalada na terra firme imediata de Ortígia, por meio de sorteio de lotes como aparece prescrito nas fontes escritas antigas (ASHERI 1966). No caso específico de Siracusa, é sempre lembrada a famosa anedota que aparece em Arquíloco (fr. 293 West), remanescente da primeira metade do século VII

¹⁰ Ver Guzzo (2011, p.203) para uma discussão atualizada sobre esse tema com bibliografia precedente.

a.C., segundo a qual um certo Aitiops de Corinto, viajando na expedição de Árquias que fundaria Siracusa, com fome, faz a troca do lote que lhe caberia na nova *apoikia* por um bolo de mel. Trata-se, sem dúvida, da memória de procedimentos tomados na realização de fundações. Deve-se notar que a tradição registra que o próprio Arquíloco, originalmente da ilha de Paros, era filho de Telesicles, fundador de uma *apoikia* pária, em Tasos. Mas, a ausência de dados é um empecilho para qualquer tipo de conclusão mais detalhada sobre o tema¹¹.

IV. A HINTERLÂNDIA DE SIRACUSA: A DOCUMENTAÇÃO

Heloros

O centro urbano de Heloros localiza-se a aproximadamente 30km de Siracusa, na costa sul da Sicília, em um pequeno promontório plano a 30/50m acima do nível do mar. O assentamento dispõe-se em uma faixa de terra fértil, entre os rios Cassibili ao norte e Heloros (hoje Tellaro) ao sul: “promontório sobre o mar e que dominava um amplo cenário sobre o fundo do qual desembocava o rio, condição ótima para a implantação de um porto” (COPANI 2005, p.275). E aqui, ao norte da foz do Heloros, foi escavado, no tufo, um porto fluvial, como se fosse um verdadeiro canal. Segundo Basile (1988, p.59), em época grega, o curso deste rio era diverso, tanto que, hoje, suas águas cobrem os primeiros assentos do teatro também escavado no tufo. Heloros foi amuralhada, muito provavelmente na época de sua instalação (COARELLI, TORELLI 1984, p.287). A comunicação com o norte e o sul ficava garantida por meio da colocação de portas nas duas direções. Além disto, a malha urbana da cidade estava regida por um eixo viário que ia de uma porta a outra e foi quase todo ele escavado na rocha. Ainda hoje, ele é perfeitamente visível, bem como os traços de uso deixados por rodas (sítio visitado em 2014). Saindo da Porta Norte, tem-se acesso à “Via Helorina”, que conduzia (até hoje!!) a Siracusa e, depois de 50m dos muros, a um santuário arcaico dedicado a Deméter e Core, cuja frequência pode ser datada entre os séculos VI e IV a partir das inúmeras oferendas votivas ali encontradas. Pela Porta Sul acessa-se o porto e a foz do Rio Tellaro (VOZA 1973, p.117-119). As fontes textuais mencionam esporadicamente a cidade, indicando que ela estivesse em certos momentos sob o controle direto de Siracusa: Píndaro (*Nemeias* IX 40) menciona o Rio Heloros como paisagem de episódio mítico; Heródoto (VIII 154) por sua vez refere-se a uma batalha entre siracusanos e as tropas do tirano Hipócrates de Gela em Heloros, que teria ocorrido em 493; já Tucídides refere-se, em várias ocasiões, à “via Helorina”, que ligava Siracusa a Heloros (COARELLI, TORELLI 1984, p.284-285. FISCHER-HANSEN *et alii*. 2004, p.195). Já no final do século XIX, Paolo Orsi havia identificado o sítio na foz do Rio Tellaro (1899). Estudos

¹¹ São poucos os casos em que algum documento, seja material seja textual, permita conclusões sobre estas questões em época tão recuada. Um dos casos paradigmáticos vem de Metaponto, na Magna Grécia, *apoikia* fundada em c. 630. Ali, escavações mostram os lotes de terra nas fazendolas da *khora*, sobretudo no século V e IV. Mas em algumas localidades, parece ter havido loteamentos desde a instalação no final do século VII.

arqueológicos recentes e mais aprofundados vêm, por sua vez, demonstrando que esta cidade foi, com toda a probabilidade, a primeira *apoikia* de segundo grau fundada pelos coríntios de Siracusa, provavelmente em torno de 700 (COARELLI, TORELLI 1984, p.285. VOZA 1973, p.117-119. COPANI 2005, p.265).

Sobre a localização de Heloros é preciso ainda registrar como o seu posicionamento era extremamente estratégico do ponto de vista da comunicação e do acesso a recursos: junto à foz do Rio Tellaro (antigo Heloros), longa via de penetração ao interior da Sicília, em uma colina projetada sobre o mar com um bom porto e ainda vizinha de vasta e fértil planície. Importante registrar igualmente a proximidade com uma porção de sítios sículos interioranos, localizados seja nas montanhas, seja nas alturas do vale do Tellaro, e que floresceram, sobretudo, no final do século VIII e primeira metade do VII (vide abaixo).

Escavações nas décadas de 1970 e 1980 em Heloros evidenciaram a presença de níveis de contexto inteiramente sículo mas com muita influência grega: fragmentos de cerâmica proto-coríntia e contexto consistente de cerâmica geométrica sícula de imitação grega. Em seguida, os estratos mostram uma ocupação grega mais consistente, com cerâmica proto-coríntia, tendo sido detectadas estruturas construídas – ambientes – quadrangulares, de 4 x 4m, tal e qual aquelas encontradas também em Ortigia (GUZZO 2011, p.206-207. COPANI 2010, p.690). Não foram registrados níveis de ocupação puramente sícula, como em assentamentos próximos, mas no interior. Na verdade, os assentamentos localizados no curso interior do Rio Tellaro, ao sul de Siracusa, muito provavelmente receberam um aporte de sículos que a partir das fundações das *apoikiai* gregas no litoral para ali se recolheram, sobretudo depois do enfraquecimento de Pantálica, que se pensa tenha sido por obra do início das fundações ‘oficiais’ de *apoikiai*, principalmente de Siracusa e de Leontinos pelos calcídios (FRASCA 1996, p.139). Assentamentos sículos foram escavados em Noto antiga, Avola antiga, Tremenzano e Finocchito. O principal assentamento neste final de século VIII, no alto Rio Tellaro, é, sem sombra de dúvida, Finocchito: centro sículo populoso onde se registra nesta época um adensamento demográfico constatado nas aproximadamente 570 tumbas escavadas na necrópole (quase nada de área residencial foi encontrado) e calculado entre várias centenas de habitantes entre 730 e 650 a.C. (LEIGHTON 2000, p.39; 1999, p.242). Monte Finocchito representa uma verdadeira fortaleza sícula: situada em cocuruto de montanha, com muralha poderosa construída provavelmente nesta segunda metade do século VIII (LEIGHTON 2000, p.39), defendia-se diante dos gregos de Siracusa, mas também comerciava com eles, como é registrado nas inúmeras importações escavadas entre o mobiliário funerário das tumbas. Esta referência puramente indígena falta em Heloros. O abandono ou a decadência de Finocchito são marcados na documentação arqueológica em aproximadamente meados do século VII (LEIGHTON 1999, p.244).

A interpretação corrente desta documentação, apoiada na história posterior de Siracusa, e considerando o *topos* de uma expansão siracusana violenta e militarizada, é que esta pólis, preocupada em sua penetração para o interior por meio dos vários rios que atravessavam esta ponta sul da Sicília, ocupa este sítio sículo, Heloros, e expulsa dali os habitantes originais, de modo a ter acesso direto à foz do R. Tellaro: o

assentamento seria então uma “primeira colônia” de Siracusa (segundo a terminologia de Torelli e Coarelli citados acima), posto militar destinado à defesa contra os sículos e tentativa de delimitação da *khora* siracusana (COPANI 2010, p.689).

Ora bem, dois dados chamam a atenção: a precocidade desta “fundação”, já na primeira geração dos gregos de Siracusa, e a distância considerável em relação a Ortígia, núcleo principal da *apoikia* – 30km.

Quais gregos foram povoar esta localidade? Havia um número tão considerável de recém chegados que permitisse uma instalação grega a 30km de distância de Siracusa? E qual entre as diversas chaves de interpretação – militar, política, econômica, territorial – é a mais plausível diante dos dados que possuímos?

Por outro lado, também o Rio Cassibili, de acordo com os estudiosos (COPANI 2010, p.692), talvez constituísse, em um primeiro momento, o limite sul da *khora* siracusana. Mesmo assim, a foz deste rio encontra-se a 23km ao sul da *apoikia*. Como pensar na ocupação de uma *khora* tão extensa com um contingente humano que por força era reduzido? Como imaginar a instalação de um ponto defensivo em relação aos sículos, cujos assentamentos nesta região ao sul de Siracusa floresceram pelo menos até 650?

Em nosso entender, em qualquer interpretação que se dê aos dados textuais e arqueológicos referentes a Heloros, a negociação ou o papel desempenhado pelos sículos é fator decisivo. Heloros pode, com efeito, representar o primeiro assentamento de sículos promovido por Siracusa, interpretação aventada por Copani (2010). Segundo este autor, estudioso de Heloros, em negociação com os sículos que perdiam suas terras nas proximidades da *apoikia*, Siracusa os instala neste promontório com a finalidade de marcar os limites sul de seu domínio, e sobretudo de defender a costa sul-oriental da Sicília de futuras fundações gregas. Seriam estes *kylliriori* servos dependentes da elite siracusana de *gamoroi*? (GUZZO 2011, p.206) Não há como afirmar em base à documentação arqueológica e/ou textual. Mas o uso de sículos e sua presença neste assentamento são comprovados e colocam claramente a questão da *necessidade* da população indígena na empreitada siracusana de extensão de domínio territorial na Sicília sul-oriental.

Antes de deixarmos Heloros, é preciso mencionar um sítio ao sul deste, possivelmente de filiação siracusana: Ina (Di VITA 1956, p.184, n.35. Di STEFANO 1987, tav. X). Este sítio é mencionado por Cícero (*Contra Verres* III 103) e presume-se que estivesse no Golfo de Vindicari, que oferece ótimo abrigo para naus navegando em direção ao Cabo Passero na ponta Sul Oriental da Sicília, meio caminho no sentido de Camarina (DUNBABIN 1948, p.103-104). Ina não foi identificada arqueologicamente, entretanto, pode sim ter sido mais um posto de apoio para as navegações de périplo em torno da ilha. Como afirma Dunbabin, a documentação negativa não pode nos desanimar. Por outro lado, Basile (1988) identificou inúmeros

atracadouros escavados no tufo entre Siracusa e o Cabo Passero. Talvez um destes possa ser identificado a Ina¹².

Acrai

De acordo com Tucídides (VI 5, 2), Acrai foi fundada pelos siracusanos setenta anos depois da fundação de Siracusa. No cálculo dos especialistas, em 664 a.C. Este dado é comprovado pelo achado de cerâmica grega datada de logo depois dessa data (TORELLI, COARELLI 1984, p.290).

A cidade foi instalada em um terraço irregular dos Montes Hibleus, a oeste de Siracusa: ocupa uma esplanada no alto vale do Rio Ánapo, esplanada que vai diminuindo de altitude em terraços sucessivos até as costas do Porto Grande de Siracusa (antigo bairro conhecido pelo nome de Polichne nas fontes textuais antigas). Ocupa uma posição de onde se tem uma visão de toda a planície que chega até Siracusa, que fica a 36km de distância. Em suas proximidades nascem, além do Rio Ánapo, o outro grande rio da Sicília sul-oriental, o Rio Tellaro. Sua instalação foi feita em ponto extremamente estratégico, dando o controle a Siracusa de rotas importantes de acesso às terras sículas interioranas, pelas montanhas, e ao litoral sul da Sicília (Camarina, Gela e Selinonte). O Ánapo, como já dissemos, era usado como rota pelos calcídios instalados no NO da Sicília e Acrai é colocada justamente para criar um acesso dominado por Siracusa ao interior, além de favorecer o controle de toda a paisagem até Siracusa. É evidente que desde esse momento, ao menos, a intenção de Siracusa era a expansão de sua *khora*, do território sob seu controle. Como dissemos acima, ao norte, o núcleo indígena de Pantálica dificultava a expansão siracusana, da mesma forma como o fazia Finocchito, o outro grande centro sículo ao Sul (em voo de pássaro, Pantálica e Finocchito estão separados por 25km apenas).

O assentamento de Acrai foi colocado sobre uma pequena colina rochosa escarpada por todos os lados, menos pelo lado leste, por onde se acessava a pequena cidade para quem vinha de Siracusa. Segundo Torelli e Coarelli (1984, p.290), funcionava como uma verdadeira fortaleza destinada à defesa da *apoikia* coríntia. A ideia da função de defesa, também colocada em relação a Heloros, nunca pode ser descartada; entretanto, pensamos que o fato de estarem posicionadas a 36km de Siracusa no caso de Acrai, e a 30km, no caso de Heloros, indica claramente uma intenção que vai além da defesa imediata da *apoikia*, denotando uma convicção/vontade, institucionalizada/organizada por Siracusa, de posse e controle de território, de expansão de área cultivável e conseqüentemente de expansão de poder.

Sobre Acrai é preciso dizer também que este ponto já tinha sido ocupado desde o paleolítico e que também túmulos do final da Idade do Bronze foram encontrados nas proximidades: ao sul da cidade no

¹² Estruturas escavadas na rocha são, evidentemente, de difícil datação e talvez muitos destes atracadouros identificados por B. Basile possam ser de épocas diversas daquelas que estamos tratando neste texto. De toda forma atestam uma paisagem de recursos importantes a serem mobilizados nos trajetos marítimos.

morro da Pinita e em Buscemi (informações no próprio sítio visitado em 2014. COARELLI, TORELLI 1984, p.290. LEIGHTON 1999, p.148). Sem dúvida, sua posição de transição entre as alturas maiores dos Montes Hibleus (Monte Lauro e Monte Casale) e a planície que terminava no mar, em Siracusa, além da proximidade dos vales de dois grandes rios, tornava esta localização extremamente estratégica e conveniente para a instalação de assentamentos. E, disto, os siracusanos tinham plena consciência.

A área habitada ocupava 33ha aproximadamente a uma altura máxima de 770m sobre o nível do mar. O sítio é escavado desde o final do século XIX, mas as escavações na segunda metade do século XX é que trouxeram à luz elementos que esclarecem a importância dada por Siracusa a esta sua *apoikia* de segundo grau. Em primeiro lugar, foi atestada uma malha viária urbana cujos vestígios hoje visíveis datam de época helenística, mas que, na estratigrafia, recuam até a época da instalação, no século VII. Esta malha viária em muito se aproxima à disposição dos vários elementos da própria malha viária siracusana. Nela, a *plateia* (avenida) principal corria de leste a oeste indo da porta siracusana à porta selinontina. Inicialmente, foi identificada, na área urbana, a estrutura de um grande templo, dedicado a Afrodite, situado no que seria a acrópole de Acrai e datado da segunda metade do século VI; interessa observar que, sob este templo, foram localizados vestígios que permitem identificar o uso deste local com finalidade religiosa desde o século VII (VOZA, LANZA 1994, p.46).

Interessa destacar a posição da via articuladora do núcleo urbano, a *plateia*, que, como em Heloros, unia uma porta a outra dos muros: a porta leste e a oeste, de tal forma que a cidade se abrisse em direção ao território intermediário ente ela e Siracusa e ao território vizinho, teoricamente “desocupado” além de Acrai a oeste em direção a outras cidades gregas do litoral sul da Sicília. Os nomes destas portas, registrados em fontes posteriores (porta siracusana e porta selinontina), muito possivelmente guardam a memória do papel de Acrai na comunicação entre Siracusa e o litoral sul da Sicília onde estava Selinonte, fundada pelos megarenses em 628 segundo Tucídides (VI 4, 2) ou em 651 segundo Diodoro (XIII 59, 4), de toda forma fundada quase junto à fundação de Acrai.

Poucos dados existem sobre todo o território que vai desde Siracusa a Acrai. De acordo com Di Vita, a área está “pontilhada” pela presença grega, de forma dispersa. Ele nota que na “contrada” Cozzo Pantano, há sinais na rocha de desgaste provocado por rodas sempre na direção L-O. E, ainda, em Bagni, a 3km de Canicatini, foram escavados grupos de casas gregas datados do século VI a.C. (Di VITA 1956, p.179). Pesquisas mais recentes indicam que também no “vale do Tellaro até a sua foz, foi identificada a presença de fazendolas e de núcleos habitados com pequenas necrópoles” (VOZA, LANZA 1994, p.46).

Casmena

A fundação de Casmena é, como a de Acrai, registrada por Tucídides: também esta cidade teria sido fundada pelos siracusanos, quase 20 anos depois de Acrai (e, portanto, 90 anos depois da fundação de

Siracusa), data que é calculada em 644 (Thuc. VI 5, 2). Diferentemente de Acrai, o sítio de Casmena demorou a ser identificado pelos estudiosos: a partir do texto de Tucídides, procurou-se a localidade, e, hoje, os argumentos avançados pela crítica levam à identificação desta fundação siracusana com o sítio com características gregas, escavado no topo do Monte Casale, nos Montes Hibleus (Di VITA 1961, p.70; 1956, p.185. COPANI 2008, p.14). Casmena fica a 12km a oeste de Acrai e apresenta visibilidade em direção ao Monte Lauro mais para o interior da Sicília e sobre o vale do Rio Dirillo.

Como mencionado acima, o Monte Casale é, entre os Montes Hibleus, o segundo mais alto depois do Monte Lauro. O sítio está em um *plateau* a 910m de altura acima do nível do mar, cercado por escarpas intransponíveis sobretudo nos lados nordeste e sul. Além disso foram identificadas muralhas feitas com enormes blocos de pedra e com torreões externos (Di VITA 1956, p.189-90).

O lado sudoeste do *plateau* é um pouco mais elevado – chamado pelos arqueólogos de “acrópole” – e ali foi erigido um templo. O *plateau* tem 1370 por 450m aproximadamente, e foi todo ocupado por uma malha urbana *sui generis*, com apenas ruas em sentido noroeste/sudeste, sem vias transversais. O outro dado significativo sobre este assentamento é que no santuário localizado na “acrópole” foi encontrado um depósito votivo com uma quantidade extraordinária de armas de ferro: “em torno de seiscentas pontas de lança, dezenas de punhais e facas, espadas de combate e pontas de flecha” (Di VITA 1956, p.193). Deve-se sublinhar que parte desses armamentos eram miniaturísticos, como são normalmente as oferendas gregas em ritos de iniciação (GUZZO 2011, p.208).

A escolha da localização, a malha urbana, as muralhas e este depósito votivo, levaram a crítica especializada toda a entender ser este um assentamento expressamente militar. Mas a questão discutida ainda hoje é a função desse caráter militar. Qual a necessidade de Siracusa em manter um posto avançado militar? Onde entra Casmena em um projeto siracusano em relação à sua hinterlândia?

Se, no caso de Acrai, em vista de sua posição na paisagem, é possível afirmar com alguma segurança que esta localidade fazia um fecho na planície siracusana, reservando ou vigiando um amplo território cultivável que se emendava com Siracusa, no caso de Casmena, a situação é menos evidente, por sua posição mais recuada da costa e com visibilidade voltada para o interior.

Em um estudo recente sobre o depósito votivo encontrado na estrutura de templo na ‘acrópole’ de Casmena, Milena Melfi (2002) concluiu que os armamentos encontrados são, em sua maioria, fabricados com formas tipicamente sículas. Entretanto, o armamento sículo típico é sempre fabricado em bronze e não em ferro, como estas armas do depósito de Casmena. Não podem, portanto, ser interpretadas como armas de indígenas sículos vencidos pelos gregos e ofertadas no santuário, hipótese que alguns autores gostam de levantar, sublinhando o caráter expansionista militar de Siracusa contra a população sícula interiorana. Os estudos desta pesquisadora levam a uma outra hipótese, a de que artesãos indígenas trabalhavam lado a lado com os gregos instalados em Casmena (*apud* COPANI 2009, p.17). Mas, então, qual é a ameaça

enfrentada por siracusanos instalados em Casmena que os levou a criarem este posto militar? Ameaça representada por outros gregos? Quais?

A hipótese avançada por Copani (2008, p.18-21) parece, no momento, a mais interessante e talvez a mais acertada. Segundo este autor, em primeiro lugar, é mister considerar o nome dado por Siracusa a esta sua fundação: *Kasmenai*. Com efeito, por caminhos da língua por ele demonstrados, *Kasmenai* é um nome sículo, aparentado de *Camena*, nome de ninfas romanas que foram em algum momento identificadas às Musas gregas. Este seria, assim, mais um dos casos de parentela entre latinos e sículos (vide acima reflexões sobre a origem sícula a partir da Itália Central). Além disso, nada mais provável que ninfas fossem cultuadas em um local em que se encontram as nascentes de grandes rios. Ora, porque então Siracusa daria a uma fundação sua um nome sículo? Não parece ser um assentamento de defesa contra sículos. Ao contrário, como no caso de Heloros, também aqui parece que sículos e gregos siracusanos interagem menos violentamente do que a crítica gosta de sublinhar. Copani chama também a atenção sobre o sítio escavado nas imediações de Casmena, em Monte Casasia. Este último assentamento no século VIII é caracteristicamente sículo; já no século VII, porém, ainda que permaneça como assentamento sículo, a abundância de importações gregas é um dado fundamental: do segundo quartel do século VII até o início do século VI, estas importações são sobretudo calcídicas, fazendo pensar em uma “inserção na esfera de interesse de Leontinos” (FRASCA 2000, p.146). Monte Casasia, com efeito, está no centro da articulação entre as planícies férteis de Leontinos / Catânia (*apoikiai* calcídicas), no litoral oriental da Sicília, e o vale do Rio Dirillo, no litoral sul da ilha, vizinho a Gela. Com esta instalação de Gela em 688, Leontinos e Catânia talvez buscassem um apoio na rota em direção a esta nova *apoikia*, justamente em Monte Casasia. Casmena pode então ser uma contrapartida siracusana frente ao sítio calcídico em Monte Casasia. Pode-se também argumentar que a escolha do local para a instalação de Casmena (assim como o sítio em Monte Casasia), no topo do Monte Casale, obedece a um padrão de assentamento típico sículo no período: assentamentos de pico, com o domínio visual e auditivo da paisagem¹³.

A fundação de Casmena representa, em nosso entender, um movimento de Siracusa nesta mesma direção: controle visual e auditivo da entrada dos calcídios no interior da ilha e aproveitamento da mesma rota para o contato com o litoral sul. É importante notar que o material arqueológico de tipo coríntio passa a predominar também em Monte Casasia, com algum material gelense, em fins do século VII, pouco antes da fundação de Camarina pelos siracusanos, marcando uma troca entre as esferas de influência, neste ponto da rota, entre Sicília oriental e meridional (Di STEFANO 1987, p.134. LEIGHTON 1999, p.245-246).

¹³ Os assentamentos de pico e a instalação de santuários de pico também foram frequentes na Grécia oriental no final da Idade do Bronze e primeira Idade do Ferro, não significando uma novidade na Sicília. Mas interessa mencionar que no contexto da expansão grega ocidental, as primeiras *apoikiai* são colocadas quase em sua totalidade no litoral, ao passo que Casmena, sendo instalação ‘grega’, diferencia-se por adotar o padrão sículo de assentamento deste período.

Camarina

A fundação de Camarina é também relatada por Tucídides (VI 5, 2), no contexto das fundações de Acrai e Casmene. Enquanto as fundações de Acrai e Casmene são registradas juntas pelo historiador, a fundação de Camarina merece uma frase em separado e os seus fundadores são mencionados: Dáscon e Menécolos. A data dada por Tucídides é cento e trinta e cinco anos depois da fundação de Acrai, ou seja, pelo cálculo dos estudiosos, 598¹⁴. Desta forma, e pelas referências textuais sobre episódios posteriores na história de Camarina, como sua independência em se rebelar abertamente contra sua metrópole – já em 553, como também conta Tucídides (VI 5, 3) – e em apoiar inimigos de Siracusa, esta fundação foi sempre considerada pela crítica como uma verdadeira pólis, enquanto Acrai e Casmene seriam assentamentos em “prolongamento” de Siracusa, diretamente dependentes¹⁵.

Camarina foi instalada no litoral sul da Sicília, hoje a uma distância aproximada de 100km de Siracusa. O local escolhido já havia sido ocupado desde a Idade do Bronze: um promontório a 60m sobre o nível do mar, entre as fozes do Ribeirão Oanis (atual Ribeirão Rifriscolaro), ao sul, e do Rio Hipparis, ao norte. Foi neste lado norte também que a *apoikia* construiu um porto fluvial, escavado no tufo. Nesta direção, a norte, o Rio Hipparis formava um pântano na antiguidade conhecido como *lacus camarinensis*, que era interligado com o porto. O promontório de Camarina é até hoje plano, com uma leve elevação ao centro do assentamento, onde foi colocado um templo dedicado à deusa Atena. O assentamento ocupava, no século IV, em torno de 190ha. Situada poucos metros acima do nível do mar, Camarina dominava, em direção ao interior, a oeste, uma vasta planície, com ondulações colinares adequadas ao cultivo, e que terminava nas franjas dos Montes Hibleus. Ainda que estivesse à margem sul do Rio Hipparis, logo depois de atravessado, a planície era contínua, emendando-se ao vale também muito fértil do Rio Dirillo, que é fronteiro com a *apoikia* de Gela, fundada por cretenses e ródios em 688 (Thuc. VI 4, 3).

Segundo Di Stefano (1987, p.131), no século VI Camarina tinha um território que se estendia do curso do Rio Dirillo, a oeste, ao baixo curso do Rio Irminio e do alto curso do Rio Tellaro, a leste, perfazendo uma área de 67 a 70km quadrados; afirma ainda que os limites com Gela estavam já consolidados no século VI.

No caso do interior de Camarina, os dados arqueológicos são abundantes e inúmeras pequenas localidades foram identificadas e escavadas já no início do século XX, por Paolo Orsi. Em sua maioria (se não a totalidade), aquelas que forneceram documentação material datada dos séculos VIII e VII são comunidades mistas: gregas/sículas. Note-se que entre os achados há aqueles que antecedem mesmo a fundação de

¹⁴ As datas das fundações de Acrai, Casmene e Camarina, que aparecem em Tucídides, Eusébio e outros textos antigos, é sempre discutida pela crítica. Ver Cordano (1986, p.28) para a definição dos termos da discussão.

¹⁵ Note-se que na documentação textual, tanto Heloros, quanto Acrai e Casmene, mereceram igualmente o nome de pólis. Sobre isto deve-se consultar Hansen, 2004, nos verbetes específicos de cada uma dessas localidades (HELOROS, p.195; ACRAI p. 189; CASMENA, p.205; CAMARINA, p.202).

Camarina. Dependendo da localidade, constata-se o predomínio de material grego ou sículo. Vejamos a descrição dessas, feita por seus escavadores mais recentes: Di Vita, Pelagatti, Di Stefano, Albanese Procelli.

Começemos com o sítio de Hibla (hoje nas proximidades de Ragusa). Importante sítio sículo que parece ter atraído muito dessa população “empurrada” pela ação das *apoikiai* no litoral oriental da Sicília. Como mencionado acima, Hibla servia como epicentro a uma porção de sítios sículos em suas imediações desde o século X. A partir do século VIII, pode-se dizer que Hibla responde a um padrão de assentamento que se instala em todo o interior da Sicília sul-oriental, em que as aldeias dispersas da Idade do Ferro passam a ser aglomerados populacionais de tipo ‘urbano’, prevalentemente, assentamentos de pico (ALBANESE PROCELLI 1996, p.169). Assentamentos que, aos poucos, já a partir do século VI, começam inclusive a adotar a malha ortogonal de organização do espaço¹⁶.

Em Modica, assentamento satélite de Hibla, por exemplo, a partir do final do século VIII, começam a aparecer as importações gregas, calcídicas e também coríntias. Mais ao norte, no alto Rio Dirillo, nas franjas dos Montes Hibleus, em sua parte oeste, em Castiglione, Licodia Eubeia e Monte Casasia (vizinho de Monte Casale onde foi fundada Casmene pelos siracusanos), a presença sícula se reforça a partir do século VII. Note-se que daqui provêm inscrições em sículo, mas com o alfabeto grego. No caso de Licodia Eubeia e Monte Casasia, são assentamentos de pico, sículos, de meados do século VII, um de cada lado do Dirillo, como que a controlar ou a acompanhar a penetração grega, tanto de Siracusa como de Leontinos e de Gela (FRASCA 1996, p.144). Castiglione, que floresceu entre o século VIII e início do VI, apesar de ser um sítio tipicamente indígena, com casas aglutinadas em torno de espaços comuns onde em geral ficava um silo para armazenamento de grãos, comportava em seu centro uma estrutura de 4 x 12m com características de *naiskos* grego (pequeno santuário).

Outro exemplo expressivo da presença grega neste interior é o achado da necrópole de Rito, a 1km de Hibla, com 76 túmulos gregos com rico mobiliário, sobretudo ático e coríntio, datados do século VI (DI VITA 1956, p.200. PELAGATTI 1973, p.152). Mais no interior, em sítios sículos, há também muito material grego, porém de qualidade inferior (PELAGATTI 1973, p.152).

Para não deixar o litoral completamente de fora, deve ser registrado um sítio sículo, na foz do Rio Irminio, portanto ao sul de Camarina. Trata-se de Contrada Maestro (Scicli), datado do século VI, que apresenta área residencial em tudo semelhante às estruturas encontradas em Casmene (pátio interno e cômodos dispostos de um só lado), mas que parece ter sido um empório no sentido em que a cerâmica arqueológica ali encontrada é de origem muito variada: ática, massaliota, de Lesbos, entre outras proveniências (DOMINGUEZ 1989, p.220). Lembremos que o Rio Irminio é aquele que vem também do

¹⁶ Registre-se que este não é um padrão exclusivo da Sicília Sul Oriental e que é constatado igualmente nas muitas localidades sicilianas no interior das *apoikiai* do litoral sul da Sicília (como Gela e Agrigento; cf, por exemplo Vassallaggi) e do litoral norte oriental da Ilha (ALBANESE PROCELLI, 1996, p.170).

coração dos Montes Hibleus e que passa por Hibla, rota entre o litoral sul da Sicília e Siracusa, a qual se consolidará apenas no século V (Di STEFANO 1987, p.195). Mesmo pensando neste sítio como ponto de entrada ao coração do território sículo, ele é também importante em sua função de porto na circunavegação da ponta sul oriental da Sicília, tal como Heloros e, talvez, Ina. Na Contrada Maestro, com efeito, foi encontrado também um porto sobre o Ribeirão Oanis, escavado no tufo.

Os dados revelam, no século VIII, no vale do Rio Dirillo, que como vimos nasce nas encostas do Monte Lauro, a presença grega, sobretudo calcídica, de Leontinos, Catânia e Naxos, *apoikiai* localizadas na costa centro/norte oriental da Sicília. Já no final do século VIII e durante todo o século VII, o material coríntio é mais conspícuo, mas não é único, pois as importações gelenses também aparecem, e assim ficam marcadas as presenças siracusana mas também ródio-cretense de Gela. A estrada grega antiga é ainda reconhecível na altura de Scornavacche, um dos sítios em que se registra presença grega desde o século VI. Aqui, em uma planície que se abre entre o Rio Dirillo e um afluente seu (a oeste da atual Chiaromonte Gulfi), foi escavado um pequeno sítio grego com características de empório (muito material misturado) ou, na interpretação de Di Vita (1956a, p.180), de posto caravaneiro. Local ocupado desde o início do século VI, Di Vita (1956a, p.190; 1956b, p.36-41) indica a possibilidade de esta ter sido uma fundação grega de Siracusa. Di Stefano (1987, p.142) reporta que nela foi escavada uma necrópole grega arcaica, importante nessa época. Segundo o mesmo autor, a via que passava diretamente por Hibla era evitada pelos gregos até pelo menos o século V: região mais montanhosa e de percurso difícil, além de parecer ter havido aqui até essa época um bloco indígena mais denso. Scornavacche era, assim, uma etapa de um atalho que evitava Hibla. Além de Scornavacche, nesta área, os sítios com muita presença grega de época arcaica (séculos VII e VI) são, sobretudo, Akryllai (hoje vizinho de Chiaromonte Gulfi), Castiglione e Bidis (hoje Acate). Esta presença se consolidou nos séculos posteriores (IV sobretudo), época de que se constatam, inclusive, plantas ortogonais de assentamento e documentação material grega e de influência grega abundante.

Os dados citados nos relatos de escavação sobre toda essa que seria a hinterlândia de Camarina são inúmeros. Mas, note-se que registram a presença grega a partir de meados do século VIII: independentemente, portanto, da fundação de Camarina. Com a fundação desta, no início do século VI, a penetração coríntia parece consolidar-se ao longo do Rio Dirillo. Entretanto, como afirma Paola Pelagatti (1973, p.151), com a segurança que somente quem escavou muitos sítios na região pode ter, Camarina sempre oscilou entre Gela e Siracusa: as escavações na cidade desvelaram material tanto de influência gelense quanto siracusana. Tanto é assim que, na foz do Rio Dirillo, em Piano Pizzo, foi identificado um entroncamento de estradas: a que chega das montanhas, a que vai para Gela e a que segue para Camarina. O sítio de século VI aqui escavado rendeu material sobretudo coríntio (Di STEFANO 1987, p.140). Talvez esta posição de Camarina, entre encruzilhadas de influências, tenha sido fator importante em sua pretensão de independência, levando-a a rebelar-se contra Siracusa, sua metrópole, já 45 anos após sua fundação (Thuc. VI 5, 3).

A principal questão que se coloca em relação a Camarina, e no contexto em que estamos abordando os dados, a organização da hinterlândia, é em que medida Camarina faz parte ou não da *khora* siracusana. Quase a 100km da metrópole, poderíamos considerá-la como a institucionalização de uma *eschatia*¹⁷? Em que medida ela foi uma pólis dependente de Siracusa, como na definição de Hansen (2004, p.87-95), e como outras identificadas no mundo grego? É interessante observar como entre os tipos de pólis dependentes estabelecidos pelo *Copenhagen Polis Centre*, há o tipo 4, cujo exemplo principal é Ambrácia, justamente *apoikia* coríntia no Adriático, definida em fontes textuais, como Tucídides (por exemplo em II 9 e III 105), como pólis. E, no entanto, continuava sendo *apoikia* dependente de Corinto (HANSEN 2004, p.87 e 89). Da mesma maneira podemos entender Cócira, que, por vezes, esteve dependente de Corinto, conquistando sua independência em momento posterior (GEHRKE, WIRBELAUER 2004, p.361. SALMON 1984, p.209-217 e 387-396). Assim, como ajustar a cronologia dos eventos que foram definindo a independência de Camarina em relação a um estatuto inicial de dependência, caso este tenha formado a primeira intenção de Siracusa?

Em que medida o controle das vias de acesso ao interior, por questões comerciais ou de expansão de domínio, levou ao desacordo entre Camarina e sua metrópole? Segundo Di Stefano (1987, p.130), é possível afirmar que existia uma verdadeira *symmachia* (aliança militar) entre sículos e camarinenses, logo em seguida à fundação da *apoikia* grega – e os dados arqueológicos confirmam muito desta intimidade (DI VITA 1956, p.200). E, segundo as fontes escritas, a primeira revolta contra Siracusa em 553 é fruto de aliança entre Camarina e os sículos da hinterlândia, conforme testemunho de Dioniso de Halicarnasso (D.H. V 4. cf. FGr Hist 556, F5 *apud* Di STEFANO 1987, p.197).

Siracusa teria penetrado lentamente através dos Montes Hibleus, com o objetivo de estender sua hinterlândia até a costa sul da Sicília e, uma vez ali chegando, teria fundado Camarina, completando seu domínio sobre toda a Sicília sul-oriental? Ou teria esta pólis sido fundada como eventual desafogo demográfico (como eventualmente no caso da fundação de Selinonte por Mégara Hibleia)? Ou ainda, decorreria de problemas internos da metrópole, que teriam levado camponeses livres perseguidos pelos *gamoroi* a algum tipo de negociação que lhes permitisse a instalação em uma nova cidade?

CONCLUSÃO

Em geral, os estudos sobre o disciplinamento do espaço entre os gregos em relação à definição da *khora* políade conduzem-nos a temas como repartição e apropriação de terras, especialização de espaços e

¹⁷ *Eschatia* é termo empregado pelo gregos antigos para definir a área mais longínqua do núcleo central de uma pólis. Vide discussão em: G. D. Rocchi. *Frontiera e confini nella Grecia antica*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 1988. M. Giangiulio. *L' eschatia*. Prospettive critiche su rappresentazione antiche e modelli moderni. In: *Problemi della chora coloniale dell'Occidente al Mar Nero. Atti 40^o. Convegno di Studi sulla Magna Grecia (29 sett-3 ott 2000)*. Nápoles: l'Arte Tipografica, Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia (2001, p.333-361).

fronteiras (www.labeca.mae.usp.br Projeto 2010-2104). Entretanto, a pesquisa sobre a Sicília sul-oriental revela a ausência praticamente completa de dados – arqueológicos ou textuais – que permitam, por exemplo, conhecer como foi feita a divisão das terras entre os primeiros que chegaram e se instalaram em Ortígia. Ainda que saibamos que, possivelmente, quando da fundação da *apoikia*, tenha havido um sorteio de lotes, e o fragmento de Arquíloco antes mencionado é eloquente a esse respeito, esses dados são fugidios e não nos permitem avançar qualquer conclusão: nada sabemos sobre os agrimensores que marcaram os lotes no terreno, qual a extensão do terreno ocupado por cada lote, o tamanho desses lotes na *khora* siracusana, sua produtividade, o tipo de cultivo, e nem sobre sua disposição em relação àqueles do *astu* (área central mais urbanizada de uma pólis). Por outro lado, poucos são os dados sobre função dos terrenos fora dos centros urbanizados e dependemos de exercícios interpretativos para traçar as fronteiras.

São outras as informações sobre o disciplinamento do espaço da hinterlândia siracusana que nos oferecem – e com riqueza de detalhes – os dados arqueológicos. São dados que nos colocam diante de um cenário de contatos culturais, de negociações e de expansão territorial na hinterlândia de Siracusa, que podem muito bem ser articulados a partir desta afirmação de Whittaker (1994, p.18): “Qual é o nosso conceito geral de confin e de fronteira antiga? [...] O confin não é meramente natural, mas delimitações historicamente determinadas que sobretudo em época arcaica podem deixar zonas periféricas não ocupadas. Emerge então a ideia de confins ‘abertos’, áreas permeáveis através das quais se desenvolvem formas de contato, zonas de passagem e de encontros”.

Nossa discussão sobre a hinterlândia siracusana pode começar, então, a partir da constatação que, para o norte de Ortígia, o Rio Ánapo marcava uma fronteira natural e de transposição complicada onde, já logo em seguida à fundação de Siracusa, existiam as *apoikiai* de Mégara Hibleia, que controlava uma planície a oeste, e de Catânia e Leontinos, que controlavam ou intencionavam controlar uma enorme planície cultivável, situada entre a estrutura geomorfológica do Etna e Montes Peloritanos e o vale do Rio Ánapo, planície que chegava quase até o centro da ilha. Ainda que o Rio Ánapo desembocasse ao sul de Ortígia, seu percurso vinha do norte, naturalmente limitando por aí a expansão da cidade. Restava assim, uma expansão da *khora* em direção a oeste e ao sul.

Na definição de uma *khora* a oeste, podemos considerar os dados posteriores da construção dos muros de Siracusa por Dionísio I, no final do século V. Segundo Diodoro Sículo (XIV 18, 2-17), Dionísio considerou a fragilidade da cidade quando os atenienses facilmente a invadiram pelo sul, a partir do santuário extra-urbano de Zeus, e, portanto, resolveu construir muralhas defensivas que eliminassem esta vulnerabilidade. O trajeto do muro, recuperado pela arqueologia, mostra que ficava protegida não apenas a cidade, em sua parte mais urbanizada, mas também uma porção da *khora* a oeste. Outro dado interessante a ser considerado, para a definição dos limites da *khora* siracusana e agora a sul, mas também com datação posterior, é o da construção do templo de Zeus Olímpio na área chamada de Polichne, no meio da Baía do

“Porto Grande” de Siracusa, praticamente na foz do Rio Ánapo, em espaço colocado bem em frente de Ortígia, do outro lado da Baía. Datado de 600-580, o Olimpieion de Siracusa é um típico santuário extra-urbano e, como se sabe, estes foram erigidos pelos gregos na *khora*, com a intenção de resguardar/marcas o domínio de uma pólis sobre um determinado território, naquilo que foi já chamado de paisagem sagrada da territorialização das cidades gregas (LAKY 2013, p.74-75. VERONESE 2006. De POLIGNAC 1994).

A partir destas considerações que oferecem alguma indicação, devemos buscar o direcionamento da instalação da *khora* de Siracusa, no oeste e no sul – e, neste sentido, os dados que apresentamos acima falam por si.

Quais conclusões podem ser traçadas em relação ao posicionamento de Siracusa, *apoikia* coríntia, diante de sua hinterlândia?

1. Desde muito cedo, após sua fundação, Siracusa buscou expandir suas fronteiras em direção ao sul e ao oeste, instalando Heloros e possivelmente Ina, no litoral sul, e, subsequentemente, no espaço de 90 anos de sua fundação, Acrai e Casmena. Até o início do século VI, fundou a *apoikia* de segundo grau de Camarina, no litoral sul da Ilha, marcando o território em direção oeste. Pode-se dizer que depois de 135 anos de sua fundação, os descendentes dos fundadores de Siracusa têm sua presença registrada com força em todo o canto sul-oriental da Sicília.

2. Essa presença não é marcada por uma dominação completa, profunda, nem do ponto de vista econômico e nem do ponto de vista institucional / político. Ao contrário, é uma presença dispersa, que, ainda que chegue em pontos afastados de Siracusa, mantém espaços vazios entre esses pontos e o centro principal propalador desta presença em Ortígia. É uma presença desigual dependendo do local, independente de este estar próximo ou afastado do ‘centro’. São as fronteiras ‘abertas’, fluidas, desiguais.

3. De sorte a ter condições de manter estas fronteiras, ‘abertas’ que fossem, Siracusa estabeleceu uma rede de comunicação viária eficiente. Com conhecimento pleno da paisagem, esta rede foi articulada a fim de cercar toda a ponta da Sicília sul-oriental, buscando um domínio por partes, e gradual. Protege de outros gregos a descida pelo mar Jônio ao sul de Siracusa e o contorno da ilha pelo cabo Passero, colocando grupos indígenas sob sua proteção em Heloros e possivelmente Ina. O fechamento do litoral Sul Oriental é conseguido posteriormente com a fundação de Camarina.

Pelo lado oeste interiorano, vai cercando os Montes Hibleus, fundando Acrai e Casmena, em convívio com os sículos, que permanecem na hinterlândia entre Acrai e Siracusa e com quem convivem em Casmena, mesmo no próprio assentamento. Em seguida, cria uma rota ao longo do Rio Dirillo – compartilhando-a provavelmente com os calcídios e com os gelenses a partir do século VI – que chega até o litoral sul. Nesta rota, gregos se instalam em pequenos assentamentos muitas vezes junto com sículos. Estes convivem em situações diferentes com os gregos. Escravizados? Casamentos mistos? Colaboração artesanal? Indivíduos ou grupos de gregos? De toda forma, assentamentos importantes de sículos, como Hibla e

Finocchito nos Montes Hibleus, ficam isolados do litoral; em um primeiro momento recebem influxo demográfico sículo, mas já no século VII andado começam a perder seu vigor. Postos de parada na rota do Rio Dirillo, como Akrillai e aquele escavado em Scornavacche, definem a presença siracusana até o litoral sul, onde cem anos depois da fundação de Gela ao norte do Rio Dirillo, Siracusa encontra condições de fundar uma *apoikia* sua dependente, Camarina, ao sul desse rio, nas margens do Rio Hipparis. Ao sul de Camarina, na foz do Rio Irminio, Contrada Maestro, um empório – meio grego, meio sículo – faz a conexão com Hibla no interior, ao longo do século VI, começando assim a fechar as aberturas que restavam nessa fronteira siracusana tão fluida, de modo a oferecer maior apoio à circunavegação grega da ilha. No século V, com efeito, a via de comunicação, pelo interior, entre Siracusa e o litoral sul, será já a mais curta, passando por Hibla.

Fecha-se o circuito. A Sicília sul-oriental pode assim ser definida como uma unidade: unidade fluida, apoiada em negociações mais ou menos fortes e muitas vezes em equilíbrios de poder efêmeros; não existe uma unidade política ou institucional, mas há sim, com certeza, uma base sócio econômica construída pelo convívio e pela construção de interesses comuns, tendo como epicentro a pólis de Siracusa. Não há fundações de novas pólis, mas há uma porção de localidades que pouco a pouco vão se parecendo entre si, e adotando muitas das características ‘gregas’: um certo ‘urbanismo’ representado por malhas ortogonais; os telhados de telhas e não mais de palha; o vasilhame cerâmico em formatos tipicamente gregos; a escrita usada em língua sícula mas com o alfabeto grego. Em toda essa área se constrói ao poucos uma rede complicada e extensa de contato entre gregos e sículos (ALBANESE PROCELLI 1996, p.174-5), a qual se manifesta ainda nas várias fazendolas descobertas no vale do alto Rio Tellaro.

A partir desta base de influência e domínio político e econômico na Sicília sul-oriental, Siracusa – como cidade – confirmará sua posição de posto estratégico entre toda a helenidade ocidental, local a ser conquistado por outras cidades gregas, papel que passará a desempenhar com o desenvolvimento das tiranias siceliotas no século V.

4. Não podemos avançar nas conclusões sobre o posicionamento de Siracusa diante de sua hinterlândia sem tratar da tese tradicional na historiografia de uma “expansão siracusana na Sicília sul-oriental militar e violenta de acordo com um padrão dórico”.

A tese do expansionismo militar violento por parte dos coríntios quando se instalaram na Sicília sul-oriental vigorou por muito tempo. Parece-me que a sua fundamentação principal na historiografia tradicional residia neste *topos* tão forte, do caráter militar de Esparta (dórica) e na ação de Siracusa em período posterior, quando, liderada por um tirano depois de outro, chegou a dominar toda a Sicília grega. A força do texto de Tucídides na historiografia moderna e contemporânea não é de se desprezar. Neste sentido, é que se tendeu a enxergar na fundação da *apoikia* em Ortígia já uma ação violenta. Do mesmo modo, outra ação violenta, na redução de Heloros, além da necessidade de um posto militar avançado, na instalação de

Casmena. Ora bem, esta tese também esteve contaminada por um outro *topos* que permeou toda a historiografia da antiguidade, qual seja, o da superioridade e irretocabilidade da civilização grega em relação aos outros grupos populacionais do Mediterrâneo. Assim, segundo esta visão, os gregos instalados na Sicília se defenderiam de bárbaros, incultos e pouco sofisticados tais como os sículos. Nessa ótica, Heloros, Acrai e Casmena teriam sido sempre entendidos como assentamentos destinados a defender os gregos dos sículos e a promover a eliminação e escravização destes a favor dos helenos.

Mas, já na década de 1970, Coarelli nos ensinava: “A cultura grega *ut sic* é uma abstração, não existe, como não existe, por outro lado, um mundo indígena ao qual ela se oponha em um sistema complexo de influências e relações, em uma dialética fácil e ilusória” (COARELLI 1971, p.331).

A documentação arqueológica comprova muito mais momentos e processos de convivência entre gregos e sículos do que episódios de destruição violenta. Estes existiram, não há dúvida, mas o documento material evidencia nitidamente a percepção dos colonos gregos dórios e outros que a estes se juntaram, em relação à sua própria sobrevivência na Sicília: se não negociassem, se não procurassem uma convivência, não era certo que pudessem enraizar-se na Ilha.

Assim como nos diz Albanese Procelli (1996, p.168):

Há os tradicionais modelos de expansão militar tipo siracusano e expansão comercial tipo calcídica (Naxos, Catânia, Leontinos). Mas estes rótulos não fazem justiça ao dinamismo do processo que vai da segunda metade do século VIII ao final do século VI. Não há regra dórica ou jônica para o contato. Há tendências de acordo com cronologias específicas e com a ordem sócio-política das *apoikiai*.

O predomínio helênico que finalmente se consolida no século V – até onde nos indica a cultura material – é já uma construção de dois séculos e meio de contato. Ao final, é possível afirmar que os gregos foram suficientemente criativos e abertos para criar uma nova realidade a partir dessa convivência e sem perder uma identidade helênica. A contribuição dada por estes gregos do Ocidente à construção do helenismo tal como o conhecemos hoje foi inegável.

5. Aliada à tese de uma expansão militar e violenta contra os indígenas sículos vem a conclusão de que a dominação siracusana na Sicília sul-oriental respondeu a um projeto articulado de construção de uma epicracia¹⁸ dória/coríntia/siracusana no Ocidente mediterrânico (por exemplo: Di VITA 1956; 1987; 1997. Di STEFANO 1987. FRASCA 1996. COARELLI, TORELLI 1984. PELAGATTI 1973).

Na verdade, se sairmos um pouco deste contexto fechado da Sicília sul-oriental, talvez possamos jogar um pouco de luz sobre esta questão da construção de uma presença dominante por parte de Siracusa sobre um território ampliado. Consideremos um pouco a metrópole de Siracusa, Corinto. No século VIII,

¹⁸ O termo grego *epikratia* significa império, domínio, soberania sobre um território e é empregado regularmente pela bibliografia especializada para designar a soberania de Siracusa sobre o território da Sicília sul-oriental.

Corinto se colocava, entre as cidades gregas que estavam se organizando como pólis no mundo egeu, entre aquelas que buscavam a ampliação de poder, pela via comercial e por meio da absorção de territórios adjacentes ou ultramarinos (GRAS 1995, p.43-50). A exploração de reconhecimento da Sicília e a fundação de Siracusa se insere em um processo de expansão marítima que teve continuidade com a fundação por Corinto de várias *apoikiai* no norte dos Bálcãs e no Adriático: Ambrácia, Leucádia, Anactórion, Córcira, na metade do século VII, c. 657-627 (SALMON 1984, p.210-217. LEGON 2004, p.468). Corinto se insere em um padrão grego do século VIII –juntamente com os eubeus, os foceus, os aqueus e os milésios – de mobilidade pelo Mediterrâneo, de participação em um comércio marítimo de oriente a ocidente e vice-versa, assim como de expansão territorial. Este padrão de mobilidade era um traço fundamental que marcou o caráter helênico, que também incorporava a resolução de problemas internos, seja de falta de terra para todos, seja dissenções políticas, por meio do incentivo à migração e fundação de novos assentamentos. Siracusa foi fundada na sequência de conflito com Argos em meados do século VIII, como vimos acima. Em 650, como nos chama a atenção Guzzo (2011, p.196-199), mais ou menos na terceira geração da fundação de Siracusa, Corinto enfrentou crises internas que culminaram na ascensão ao poder de Cípselo (c. 655) e na fundação de várias *apoikiai* como apenas mencionado. Em Siracusa, e na Sicília, a metade do século VII é também uma data em que as fontes escritas guardam a memória de conflitos sociais importantes, que desencadearam talvez a instalação de novos assentamentos e a fundação de novas *apoikiai*. Em torno desta data, problemas internos em Mégara Hibleia levaram à fundação de Selinonte na costa sul da Sicília, nos confins dos territórios púnicos (Arist. *Pol.* 1303b); de Siracusa, dizem as fontes escritas, saíram os membros do *genos* dos Miletidai que se juntaram aos zânclios do estreito para fundar Himera no litoral norte da Sicília (Thuc. VI 5, 1). Siracusa repete o padrão coríntio de expansão e de resolução de problemas internos através da instalação de novos assentamentos. Padrão que é, no fundo, o padrão grego característico do período arcaico. O que foi então a expansão grega pelo Mediterrâneo, conhecida como ‘colonização’?

A mobilidade dos gregos pelo Mediterrâneo parece-nos estar diretamente ligada à própria estrutura organizacional escolhida por este povo a partir do século VIII: a pólis. A fragmentação do mundo grego em unidades autônomas, espalhadas, como “formigas e sapos em volta da lagoa” (Pl. *Phaedo* 109b), tem uma contrapartida na mobilidade, na criação de redes que se sobrepõem às próprias pólis e que acabam dando unidade a este mundo grego multifacetado e “misto”, como o define E. Will em 1956. O embasamento desta estrutura organizacional na posse de territórios e a competição que se instala entre as diferentes pólis, funciona como um motor para esta mobilidade e para a expansão. Na Sicília sul-oriental, como em outras regiões do mundo helênico pelo Mediterrâneo no período arcaico, a competição era regida por algumas

regras precisas: era uma competição entre iguais, entre pólis helênicas, mais do que com os não gregos¹⁹. Daí a negociação com indígenas, de sorte a construir uma territorialidade que preservasse a Sicília sul-oriental da penetração de outros gregos que pudessem instalar-se, por exemplo, ao sul de Siracusa onde foi colocada Heloros; ou como ocorre com a fundação de Camarina no litoral sul, de modo a reter o avanço de Gela, ou ainda como o posto avançado de Casmene, que controlava a passagem dos calcídios.

Assim, não há elementos na documentação hoje disponível – seja material seja textual – que nos deem segurança para afirmar que o que estamos chamando de presença grega/siracusana na Sicília sul-oriental, cujo predomínio se dá de forma desigual e gradual no período em análise, tenha respondido a um modelo ou a um projeto previamente delineado de instalação de um império ou de uma *epicracia*. Ao contrário, tratou-se de uma política expansionista de construção de poder por meio do domínio de uma hinterlândia. Política construída aos poucos, em uma dinâmica de contato e de convivência com a população sícula, em um processo constante de recriação social, cultural, política. Política expansionista e competitiva inserida em uma identidade tipicamente grega do período.

A fundação de Siracusa e a expansão de seu poder na Sicília sul-oriental se insere neste cenário: competição entre Corinto e Argos, expulsão de um filo-argivo, Árquias, e fundação da *apoikia* em Ortígia; competição com outros gregos por territórios e expansão da *khora* ao sul gerando a fundação de Heloros e talvez de Ina; competição com os calcídios instalados no litoral central e norte da Sicília provocam a fundação de Casmene; o controle do território interno de Ortígia leva à fundação de Acrai; a competição com os ródios e cretenses de Gela e com os calcídios que vão chegando ao litoral sul da Sicília, levando à fundação de Camarina. No início do século VI, consolida-se um território, de grande fertilidade, capaz de produzir grãos para a sobrevivência do grupo e para exportação, capaz de abrigar uma rede de rotas articuladas para a comunicação mais ágil e para a distribuição de bens. O contato e o convívio com os sículos, da forma como foi operacionalizado nesta região pelos gregos, serve à confirmação deste modo de agir que é uma das facetas do modo grego de ser.

¹⁹ Sobre a questão da competição entre iguais (peer polity interaction) deve-se consultar J. Cherry e C. Renfrew *Peer Polity Interaction and Social Political Change*. New Directions in Archaeology. Cambridge Univ. Press, 1986. A competição entre pólis, no Ocidente grego é manifesta em muitos casos: destruição de Síbaris por Crotona; destruição de Siris por Síbaris; disputas por controle de território entre Régio e Lócris; instalação de Metaponto por aqueus no Golfo de Taranto para evitar a expansão do território da *apoikia* tarantina e dezenas de outros exemplos no mundo helênico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBANESE PROCELLI, R.M. Greeks and indigenous people in Eastern Sicily: forms of interaction and acculturation. IN: LEIGHTON, R. *Early Societies in Sicily. New developments in Archaeological Research*. Accordia Specialist Studies on Italy, vol. 5, Univ. of London: 1996, p.167-176.
- ASHERI, D. *Distribuzioni di Terre nell' Antica Grecia*. Memoria dell'Accademia di Scienze Morali, Storiche e Filologiche. Torino: Accademia delle Scienze, 4, 10, 1966.
- ASHERI, D. IN: GABBA, E.; VALLET, G. (ed.) *La Sicilia antica*, I, 1, Nápoles: 1980, p.119-139.
- BASILE, B. L'arco costiero siracusano. IN: AAVV *Approdi, porti, insediamenti costieri e linee di costa nella Sicilia sud-orientale dalla preistoria alla tarda antichità*. *Archivio storico siracusano*, 2, 1988, p.20-62.
- BOUFFIER, S. et al. *Les diasporas grecques. Du détroit de Gibraltar à l'Indus*. Paris: Sedes, 2012.
- BUSCEMI, F. Percorsi antichi e viaggiatori moderni attraverso gli Eblei. Note di topografia storica. IN: BUSCEMI, F.; TOMASELLO, F. (ed.) *Paesaggi archeologici della Sicilia sud-orientale. Il paesaggio di Rosolini*. Palermo: Off. Di Studi Medievali, 2008, p.5-31.
- CARDETE DEL OLMO, M.C. Sicilia sícula: la revuelta étnica de Ducetio (465-440 a.C.) *Stud. hist., Historia Antigua*, 25, 2007, p.117-129.
- COARELLI, F. *La gente non greche della Magna Grecia. Atti del XI Convegno di Studi sulla Magna Grecia*, 1971. Taranto: 1972, p.331-332
- COARELLI, F. e TORELLI, M. *Guide Archeologiche: Sicilia*. Bari: Laterza, 1984.
- COPANI, F. Paesaggio ed organizzazione del territorio nella colonia siracusana di Heloros. *ASAA*, 83, 2005, p.265-285.
- COPANI, F. Greci e indigeni a Heloros. IN: TRÉZINY, H. *Grecs et Indigènes de la Catalogne à la Mère Noire. Actes des rencontres du programme européen Ramses (2006-2008)*. Centre Camille Julien. Arles: Errance, 2010, p.689-693.
- COPANI, F. Akrai e Kasmenai. L'espansione siracusana sui Monti Iblei. *8ª. Antichità III bozze 4-09-2009*. www.academia.edu. Acesso em 20/10/16.
- CORCELLA, A. La frontiera nella storiografia sul mondo antico. *Atti del XXXVII Convegno di Studi sulla Magna Grecia*. Taranto: 1997, p.43-82.
- CORDANO, F. *Antiche Fondazione Greche*. Palermo: Sellerio, 1986.
- CORDANO, F. A Project of Greek colonisation from Sicily to Etruria? *ASAtene*, 84, 2006, p.465-480.
- D'ERCOLE, M.C. *Histoires Méditerranéennes*. Arles: Errance, 2012.
- De POLIGNAC, F. *La naissance de la cité grecque. Culte, espace et société au VIII-VII siècles av. J.-C.* Paris: Ed. La découverte, 1984.
- DI STEFANO, G. Il territorio de Kamarina in età arcaica. *Kokalos*, 33, 1987, p.129-207.

- DI STEFANO, G. L'emporio del Maestro. Il Campagna do scavo (1985). IN: MILITELLO, P. *Scicli: arqueologia e territorio*. Palermo: Officina di Studi Medievale, 2008, p.209-215.
- DI VITA, A. La penetrazione siracusana nella Sicilia sud orientale alla luce delle più recenti scoperte archeologiche. *Kokalos*, 2.2, 1956 a, p.177-209.
- DI VITA, A. Recenti scoperte archeologiche in Provincia di Ragusa. *ArchStSir* 2, 1956b, p.36-41.
- DI VITA, A. Un contributo all'urbanistica greca di Sicilia: Kasmennai. *Atti del Settimo Congresso Internazionale di Archeologia*. Roma: 1961, II, p.69-77.
- DI VITA, A. Tucidide V, 5 e l'epicrazia siracusana. Akrai, Kasmennai, Kamarina. *Kokalos*, 33, 1987.
- DI VITA, A. Siracusa, Kamarina, Selinunte: quale frontiera? *Atti del XXXVII Convegno di Studi sulla Magna Grecia*. Taranto: 1997, p.361-378.
- DOMINGUEZ, A. J. La colonización griega en Sicília. Oxford: BAR International series 549i, 1989.
- DUNBABIN, T. J. *The Western Greeks. The History of Sicily and South Italy from the Foundation of the Greek Colonies to 480 B.C.* Oxford: Clarendon Press, 1948.
- FISCHER-HANSEN, T. *et alii* Sikelia. IN: HANSEN, M.H.; NIELSEN, T.H. *An inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*. Oxford Univ. Press: 2004, p.172-248.
- FLORENZANO, M.B.B. A contribuição das colônias ocidentais na construção da identidade políade: subsídios do uso e da organização do espaço. Resultados preliminares. IN: FLORENZANO, M.B.B.; E. F.V. HIRATA, E.F.V. *Estudos sobre a Cidade Antiga*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2009, p.93-108.
- FLORENZANO, M.B.B. Repartindo a terra na Grécia Antiga. IN: ZIERER, A.; A. L. B. VIEIRA (org.). *Viagens e viajantes: cultura, imaginário e espacialidade*. São Luiz: UEMA, 2012, p.293-308.
- FRASCA, M. Iron Age settlements and cemeteries in SE Sicily: a short review. IN: LEIGHTON, R. *Early Societies in Sicily. New developments in Archaeological Research*. Accordia Specialist Studies on Italy, vol. 5. Univ. of London: 1996, p.139 -145.
- FRASCA, M.; PELAGATTI, P.; FOUILLAND, F. Monte Casasia (Ragusa) Campagne di Scavi, 1966, 1972-73 nella necropoli indigena. *Notizie Scavi*, 1994-95, p.333-335 e 412-583.
- FRASCA, M. Monte Casasia: un villaggio indigeno prima di Camarina. *Atti del Simposio in onore di Antonino di Vita*. (Ragusa, 1998). Pádua: 2000, p.143-148.
- FRASCA, M. *Archeologia degli Iblei: Indigeni e Greci nell'altipiano ibleo tra la prima e la seconda età del Ferro*. Scicli: Ed. Storia e studi sociali, 2015.
- GEHRKE, H.-J. e WIRBELAUER, E. Akarnania and adjacent areas. IN: HANSEN, M.H.; NIELSEN, T.H. *An inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*. Oxford Univ. Press: 2004, p.351-378.
- GRAS, M. *O Mediterrâneo Arcaico*. Lisboa: Teorema, 1995.
- GUZZO, P. G. *Fondazione greche. L'Italia meridionale e la Sicilia (VIII e VII sec. a.C.)*. Roma: Carroci editore, 2011.

- HANSEN, M.H.; NIELSEN, T.H. *An inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*. Oxford Univ. Press: 2004.
- LAKY, L. *Olímpia e os Olimpieia. A origem e difusão do culto de Zeus Olímpio na Grécia dos séculos VI e V a.C.* RevMAE, Supl. 16. São Paulo: MAE-USP, 2013.
- LEGON, R.P. Megaris, Corinthia and Sykyonia. IN: HANSEN, M.H.; NIELSEN, T.H. *An inventory of Archaic and Classical Greek Poleis*. Oxford Univ. Press: 2004, p.462-471.
- LEIGHTON, R. *Sicily Before History*. Cornell University Press: 1999.
- LEIGHTON, R. Indigenous society between the 9th and the 6th Centuries B.C. IN: SMITH, C.; SERRATI, J. *Sicily from Aeneas to Augustus. New Approaches in Archaeology and History*. Edinburgh University Press: 2000, p.15-40.
- MANNI, E. Fidone d'Argo, i Bacchiadi di Corinto e le fondazioni di Siracusa e di Megara Iblea. *Kokalos*, 1974, p.77-91.
- MELFI, M. Alcune osservazioni sul cosiddetto tempio di Ares a Monte Casale - Kasmenai. *Geo-archeologica*, 2, 2000, p.39-48.
- MILITELLO, P. Rosolini: la preistoria ed il paesaggio. IN: BUSCEMI, F.; TOMASELLO, F. (ed.) *Paesaggi archeologici della Sicilia sud-orientale. Il paesaggio di Rosolini*. Palermo: Off. Di Studi Medievali, 2008, p.33-46.
- ORSI, P. Eloro. Ubicazione di questa antica città sulla sinistra del Tellaro nel comune di Noto. *NSc*, 1899, p.241-244.
- PELAGATTI, P. e CURCIO, G. Akrai (Siracusa) Ricerche nel territorio. *NSc*, XXIV, 1970, p.435-523.
- Regione Siciliana Documenti E3: Bacino Idrologico dei Monti Iblei.
www.regione.sicilia.it/presidenza/ucomrifiuti/acqua/DOCUMENTI/DOCUMENTI_E/E3/IBLEI/inquadramento.pdf Accesso: 4/10/16.
- SALMON, J.B. *Wealthy Corinth. A History of the City to 338 a.C.* Oxford: Clarendon Press, 1984.
- SERRATI, J. Sicily from pre-Greek Times to the Fourth Century. IN: SMITH, C.; SERRATI, J. *Sicily from Aeneas to Augustus. New Approaches in Archaeology and History*. Edinburgh University Press: 2000, p.9-14.
- SNODGRASS, A. *An Archaeology of Greece: The Present State and Future Scope of a Discipline*. Berkeley: Univ. of California Press, 1987.
- TORELLI, M. Conclusioni. IN: ABERSON, M. et alii (éds.) *Entre Archéologie et Histoire: Dialogues sur les divers peuples de l'Italie préromaine*. Berna: Peter Lang, 2014, p.349-362.
- VAN COMPERNOLLE, R. Femmes indigènes et colonisateurs. *Atti del convegno di Cortona (24-30 maggio 1981)*. Roma e Pisa: EFR e SNP, 1983, p.1033-1049.
- VERONESE, F. *Lo spazio e la dimensione del sacro. Santuari greci e territorio nella Sicilia arcaica*. Pádua: Esedra, 2006.

- VOZA, G. La Sicilia prima dei Greci. Problematica archeologica. IN: GABBA,E.; VALLET, G. *La Sicilia Antica*, I,1, 1980, p.5-42.
- VOZA, G. *Nel segno dell'antico. Archeologia nel territorio di Siracusa*. Palermo: Arnaldo Lombardi, 1999.
- VOZA, G. (ed.) *Archeologia nella Sicilia Sud-orientale*. Nápoles: Centre Jean Bérard, 1973. Especialmente: PELAGATTI, p.133-135; 139-140 e 151-152 (Kamarina) p.73-77 (Siracusa); VOZA, p.117-119 (Eloro), pp.127-130 (Kasmenai e Akrai).
- VOZA, G. e LANZA, M.T. s.v. Akrai. *Enciclopedia dell'Arte Antica*, 1994, v. 1, p.46. Disponível em [http://www.treccani.it/enciclopedia/Akrai_\(Enciclopedia-dell'-Arte-Antica\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/Akrai_(Enciclopedia-dell'-Arte-Antica)/). Acesso: 28/09/15.
- WILL, E. *Doriens et Ioniens. Essai sur la valeur du critère ethnique appliqué à l'étude de l'histoire et de la civilisation grecques*. Paris: Belles Lettres, 1956.
- WHITTAKER, C.R. *Frontiers of the Roman Empire. A Social and Economic Study*. Baltimore: The Johns Hopkins Univ. Press, 1994.

Recebido em: 30/06/2017

Submitted in: 30/06/2017

Aprovado em: 26/09/2017

Aproved in: 26/09/2017

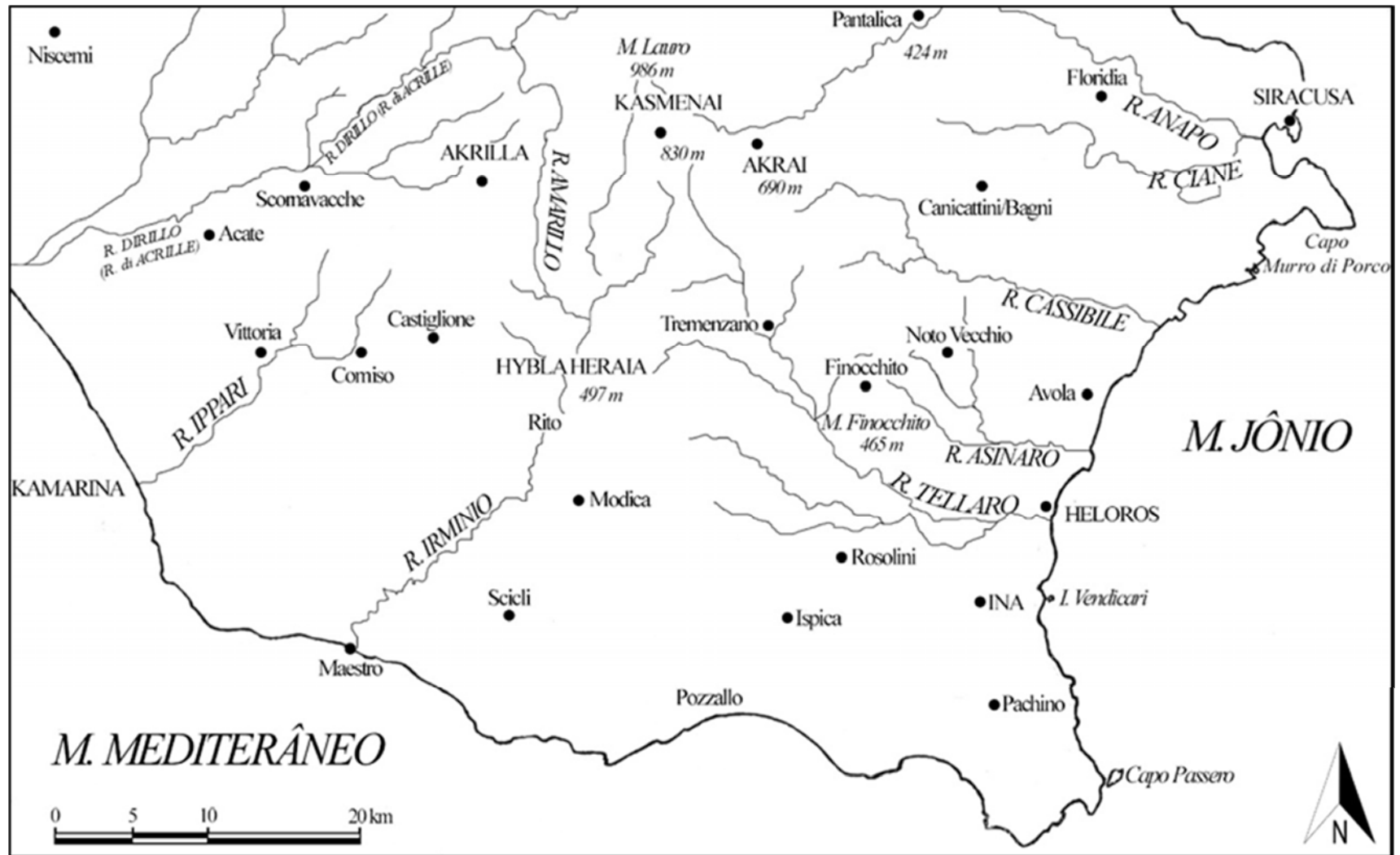
Publicado em: 24/06/2018

Published in: 24/06/2018

FIGURAS



Mapa 01: A Sicília na Grécia Ocidental



Mapa 02: Sicília Sul Oriental (Modificado a partir de DI VITA, A. La penetrazione siracusana nella Sicilia sud orientale alla luce delle più recenti scoperte archeologiche. Kokalos, 2.2, 1956 a, Tav. X).